

GAZETA

VALSASSINA

abril 2017
número 64



**Questionar, Investigar,
Resolver Problemas...**

índice

Editorial	1
Dos problemas aos saberes	2
Ciência Cidadã: Aprender através do envolvimento em atividades de investigação	4
Filosofia para Crianças, um <i>laboratório</i> de perguntas e reflexões	6
Indagações Filosóficas dos Novos Aprendizes do Saber	8
Retirar os véus ao texto – O papel da racionalidade na procura das leituras possíveis	10
Perguntar, investigar, descobrir, aprender!	12
Construir saber: O envolvimento ativo dos alunos em projetos de investigação	14
O desafio de construir e lançar um satélite	16
Discutir ideias e procurar soluções. Atividades experimentais desenvolvidas no laboratório do 1º ciclo	18
O poder da pergunta	20
Não era uma vez, nem duas... eram “três vezes”!	21
Meninutos, meninos que escrevem como adultos	22
Concurso de Escrita Criativa	24
Desenhar: o desafio de assumir uma atitude perante o mundo	26
Investigar nas Ciências Sociais	28
Programa Parlamento dos Jovens	30
Entrevista com a Deputada Isabel Moreira	30
(Re)pensar matemática no curso de Línguas e Humanidades	32
Projeto: Célula 3D	33
Fazer Ciência no Colégio Valsassina	34
Entrevista com o Professor e Investigador João Lin Yun	35
Arregaçar as mangas, sujar as mãos e resolver problemas em prol de um mundo melhor	36
Public Speaking no Colégio	37
Iniciação à leitura e à escrita	38
Colégio Valsassina é um dos dois colégios onde os alunos progridem sempre mais do que no resto do país	40
Quadro de Honra 1.º P, 2016/2017	41
Semana das línguas 2017	43
Semana da Geografia 2017	44
Cabo Verde, 2017	45
Entrevista com a professora Maria Helena Guimarães	46
Grupo Coral dos Professores do Colégio Valsassina	48
Aconteceu...	49
Aconteceu no desporto...	52

FICHA TÉCNICA

Fundadores **Frederico Valsassina Heitor**
Maria Alda Soares Silva e seus Alunos
Diretor **João Valsassina Heitor**
Diretor Editorial **João Gomes**
Paginação e Impressão **idg - Imagem Digital Gráfica**
Propriedade **Colégio Valsassina**
Tiragem 1600 exemplares

Colégio Valsassina
Quinta das Teresinhas,
1959-010 Lisboa
218 310 900
218 370 304 fax
geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt

editorial

João Valsassina Heitor Diretor pedagógico

“Estimula-se e desenvolve-se a aprendizagem pela descoberta e pela investigação.”



Numa educação para o Séc. XXI, para além dos nossos alunos terem bons conhecimentos em áreas fundamentais do currículo, torna-se necessário desenvolver um conjunto de competências absolutamente necessárias no seu percurso universitário e profissional.

Para além de bons alunos, bem formados do ponto de vista humano, necessitamos de criar nas novas gerações jovens criativos, empreendedores, investigadores e curiosos pela descoberta de novas soluções.

Neste número da gazeta podemos observar vários exemplos do que hoje é uma prática normal do nosso projeto educativo, desde o Jardim de Infância ao Secundário. Estimula-se e desenvolve-se a aprendizagem pela descoberta e pela investigação. São exemplos disso os laboratórios do Jardim de Infância e do 1º ciclo, onde os alunos realizam vários tipos de experiências, bem como o trabalho cooperativo ao longo do ensino básico. O sentido do empreendedorismo é desenvolvido em dois projetos, em parceria com a Associação Industrial Portuguesa, no 3º ano e no 12º ano. Aqui os alunos são levados a criarem as suas empresas, os seus produtos e os seus modelos de negócio. Ao longo do 2º e 3º ciclos promovem-se várias atividades de investigação, nomeadamente em disciplinas como as Ciências, a Física e Química e a Geografia ou História. Quer no ensino básico, quer no secundário são promovidos debates e desenvolvida a competência de apresentações orais de trabalhos e a confrontação de ideias entre alunos. Saber falar em público e debater as suas ideias é hoje uma competência fundamental em qualquer atividade. Por outro lado ao longo do ensino secundário todos os alunos, obrigatoriamente, têm de desenvolver projetos de investigação, cada um na sua área de estudos, muitos deles em parceria com as Universidades. Muitos destes trabalhos de investigação são mais tarde apresentados, em certames nacionais e internacionais, onde alunos do colégio já ganharam diversos prémios.

Todas estas competências são transversais a todas as disciplinas recorrendo a um trabalho cooperativo obrigando os alunos a dialogarem, a questionarem, a investigarem, a resolverem situações problemáticas e a saberem trabalhar em equipa.

Conhecimentos e competências são indissociáveis, completam-se e complementam-se. Só assim os alunos atingem plenamente o sucesso que todos pretendemos.

Desejo a todos uma Santa Páscoa vivida com alegria.

“... desenvolvimento de competências diversas à medida que os alunos investigam e aprendem novo conhecimento (entre as quais, resolução de problemas, autonomia e pensamento crítico)”

Somos um país de reformas educativas recorrentes, embora pouco sustentadas em avaliações ou evidências explícitas.

O certo é que já nos habituamos à breve estabilidade de programas, orientações curriculares, metas ou outro tipo de referências que orientam a prática letiva e se encontram na base da elaboração de manuais escolares. Quer se adote uma pedagogia por competências ou se defenda um ensino resolutamente voltado para os conteúdos, as inovações atuais em investigação didática assinalam algo que permanece como essencial – os conhecimentos escolares e as competências básicas devem ser ensinados de forma contextualizada, assente em cenários familiares aos alunos, de forma a permitir-lhes desenvolver saberes para aplicação na sua prática quotidiana. Mas nem sempre foi assim.

Se nos referirmos, em particular, ao ensino das ciências (escolho este exemplo tão só por preferência pessoal), já desde a segunda metade do século XIX que se reconhece a valia da realização de observações empíricas e de inferências para o processo de aprendizagem dos alunos. Do trabalho laboratorial, dirigido a descobertas autónomas, à experimentação demonstrativa, verificadora de factos, o século XIX perseverou num ensino das ciências em que os alunos aprendiam as etapas e os processos científicos. Já no início do século XX passou a ser dada maior atenção ao valor social da ciência, nomeadamente pelos trabalhos de John Dewey (1902-1990), valorizando-se um ensino centrado no aluno, na procura de soluções para problemas reais e na promoção do trabalho grupal. O trabalho laboratorial constitui a atividade de eleição, mas abordava, agora, problemas sócio-científicos. Não obstante, a grande revolução nesse século surgiu nos Estados Unidos, através de uma reforma curricular que marcou os anos 50, prenunciadora de um movimento que chegaria a Portugal



“... princípio essencial da educação no século XXI – o ensino de conhecimentos escolares e de competências essenciais de forma contextualizada, que permita o perscrutar de um caminho dos *problemas aos saberes*.”

cerca de duas décadas mais tarde. Para assegurar a segurança da nação importava garantir o avanço científico e tecnológico, pelo que a escola se (pre)ocupa, então, em preparar e formar alunos para serem cientistas. Ressalvando alguns erros cometidos, tais como considerar o trabalho em sala de aula como se de um verdadeiro laboratório de descoberta científica se tratasse, passam a ser defendidos princípios de um ensino que valorize a compreensão do trabalho do cientista e a própria natureza da ciência. Chegados os anos 70, o mesmo país reivindicou um ensino das ciências que preparasse os alunos para serem cidadãos efetivamente intervenientes no mundo. Esta ideia de potenciar a literacia científica estendeu-se por vários países e promoveu um movimento de ensino das ciências que revelasse uma ciência prática e utilitária, capaz de responder a problemas quotidianos. Já nos finais do século XX, o *Project 2061 (Science for all Americans)* e o *Nacional Science Education Standards (1996)*, qualificavam como eficiente um ensino das ciências que potenciase o questionamento, o raciocínio científico, o pensamento crítico e a autorregulação das aprendizagens. Neste contexto de um ensino orientado para a investigação (*Inquiry-Based Teaching*), espelhando o trabalho do cientista, consolidava-se uma metodologia de ensino capaz de servir várias áreas do conhecimento – a Aprendizagem Baseada na Resolução de Problemas (ABRP) ou *Problem-Based Learning*.

A ABRP surgiu na Educação em Medicina e recua a 1969, quando estudantes de um mestrado numa universidade canadiana foram convidados a experienciar um desenho curricular novo – resolver problemas, em pequenos grupos e sem orientação tutorial prévia. Esta metodologia, que permite o desenvolvimento de competências diversas à medida que os alunos investigam e aprendem novo conhecimento (entre as quais, resolução de problemas, autonomia e pensamento crítico), proliferou e implementou-se, com sucesso marcante, no ensino das ciências.

Sustentando-nos no conceito Kuhniano, e atendendo a que estamos de novo a vivenciar uma *revolução* na Educação em Portugal – circula já nos *media* informação sobre o currículo das escolas do século XXI, com ávida referência ao perfil das aprendizagens essenciais que está a ser executado pelas associações representativas dos professores – pensamos que a metodologia ABRP deverá contribuir para potenciar a aprendizagem. A reflexão atual irá certamente contribuir para uma reforma conducente a um melhor ensino, uma melhor aprendizagem e uma mais proficiente educação dos alunos portugueses. Esperamos que, no regresso à *normalidade* (assim teria referido Thomas Khun), não fiquem esquecidos, entre argumentos, documentos e posições antagónicas, o princípio essencial da educação no século XXI – o ensino de conhecimentos escolares e de competências essenciais de forma contextualizada, que permita o perscrutar de um caminho *dos problemas aos saberes*.



“... os conhecimentos escolares e as competências básicas devem ser ensinados de forma contextualizada, assente em cenários familiares aos alunos, de forma a permitir-lhes desenvolver saberes para aplicação na sua prática quotidiana.”

Ciência Cidadã: Aprender através do envolvimento em atividades de investigação

Cristina Luís Investigadora no Museu Nacional de História Natural e da Ciência/ULisboa, CIUHCT/FCUL e CIES/ISCTE-IUL

No livro branco sobre a Ciência Cidadã¹ o termo é definido como "o envolvimento do público em geral em atividades de investigação científica nas quais os cidadãos contribuem ativamente para a ciência, com o seu esforço intelectual, os seus conhecimentos ou as suas ferramentas e recursos".

A ciência cidadã é considerada uma tendência emergente tendo ganho maior atenção na última década. No entanto, exemplos desta prática remontam, pelo menos, ao século XIX. Os primeiros dados científicos modernos foram, em grande parte, obtidos por amadores tais como membros do clero ou aristocratas, que dispunham de tempo e meios financeiros para se dedicarem à recolha de informação sobre o mundo natural.

Atualmente existem centenas de projetos de ciência cidadã a decorrer em todo o mundo (ver <http://www.socientize.eu/?q=pt-pt>, <https://www.zooniverse.org/>, <https://scistarter.com/>) e que se podem classificar de acordo com os seguintes tipos:

- Projetos contributivos – geralmente desenhados por cientistas e nos quais o público em geral contribui com dados;
- Projetos colaborativos – geralmente desenhados por cientistas e nos quais os membros do público contribuem com dados, mas também ajudam a aperfeiçoar o desenho do projeto, a analisar dados ou a disseminar resultados;
- Projetos co-criados – desenhados em conjunto por cientistas e membros do público em geral e nos quais alguns elementos do público estão ativamente envolvidos na maioria ou em todos os passos do processo científico.

Os projetos de ciência cidadã envolvem não cientistas em iniciativas de investigação, que colaboram em vários processos e etapas do método científico tais como a definição de questões de estudo, a recolha de informação, a recolha e/ou análise de dados, a interpretação e discussão de resultados, a disseminação de conclusões ou até mesmo a colocação de novas perguntas de investigação.

A ciência cidadã possibilita, assim, um avanço mais rápido na investigação científica, contribui para aumentar a compreensão e o conhecimento do público sobre aspectos científicos e permite o envolvimento do público no processo científico contribuindo igualmente para promover a cultura científica.

Neste contexto, a comunidade escolar pode desempenhar um papel muito importante no sucesso de atividades de investigação científica que recorram à ciência cidadã. Pela sua própria natureza, a ciência cidadã envolve a participação numa ou mais etapas do processo científico oferecendo, portanto, oportunidades significativas para o ensino das ciências em ambientes formais e informais.

Em Portugal existem já alguns projetos de ciência cidadã, todos de tipo contributivo e em diversas áreas científicas (Tabela 1), sendo alguns deles dirigidos ao público escolar.

A participação em projetos de ciência cidadã permite aos alunos desenvolver a sua capacidade de envolvimento em atividades de investigação científica e ensina-os a raciocinar num contexto científico, possibilitando o contacto com inúmeras abordagens utilizadas para investigar, modelar e explicar o mundo.

Por exemplo, quem participa em projetos de ciência cidadã pode utilizar metodologias de recolha de dados que alimentam projetos de importância local, nacional ou internacional. A recolha de dados pode ser tão simples como olhar para fora de uma janela e registar as aves que se vêem ou tão complexa quanto construir e manter um charco, monitorizando as espécies ali existentes ao longo de vários anos. Os dados podem ser recolhidos em diversos meios e com ou sem acesso a equipamento informático ou científico. Quando os participantes recolhem e enviam dados para bases de dados centralizadas, podem ver as informações recolhidas dentro de um contexto mais alargado de dados enviados por vários participantes, permitindo visualizar toda a informação de forma enquadrada.

Mas a recolha de dados é somente um passo no processo de investigação científica. Num processo completo os participantes podem descobrir a natureza multifacetada da investigação científica, nomeadamente como se analisam e interpretam os

dados recolhidos de forma a responder às perguntas de investigação colocadas.

Como forma de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido, muitas vezes, quando as tarefas desenvolvidas contribuem para novas descobertas, os participantes são admitidos como autores nas publicações científicas produzidas ou, noutros casos, podem mesmo receber prémios de participação.

A ciência cidadã aplicada à educação poderá assim contribuir para novas formas de aprendizagem através do envolvimento em atividades de investigação, transformando as salas de aula em laboratórios de investigação e os alunos em cientistas amadores.

Tab. 1: Projectos de ciência cidadã a decorrer em Portugal

Projeto	Área científica	Breve descrição	Sítio da internet
Alunos caçadores de asteroides	Astronomia	O projeto de procura de asteroides coordenado pela Universidade do Texas e no qual participam escolas de cerca de 40 países. Em Portugal o projeto é coordenado pelo NUCLIO – Núcleo Interactivo de Astronomia.	http://nuclio.org/iasc/iasc-pt/
III Atlas das aves nidificantes de Portugal	Biologia	Este projeto surge da necessidade de, dez anos depois do anterior atlas das aves nidificantes, se fazer um novo levantamento completo da distribuição e abundância das aves reprodutoras em todo o território nacional.	http://www.spea.pt/pt/estudo-e-conservacao/censos/atlas-nidificantes/
BioDiversity4All	Biologia	Base de dados online de biodiversidade, acessível a todos, com registos de plantas, animais e fungos inseridos pelos cidadãos.	http://www.biodiversity4all.org/
Charcos com Vida	Biologia	Campanha que visa incentivar a inventariação, adopção, construção e manutenção de charcos e pequenas massas de água para o desenvolvimento de atividades de exploração científica e pedagógica e de observação da biodiversidade, bem como contribuir para a sensibilização sobre a importância destes habitats e da sua conservação.	http://www.charcoscomvida.org/
Coastwatch Portugal	Ambiente	Projeto Europeu de educação ambiental e ciência cidadã. Em Portugal é coordenado pelo GEOTA. Qualquer pessoa pode participar, individualmente ou em grupo na monitorização ambiental do litoral português.	http://coastwatchnacional.wixsite.com/coastwatch-portugal
GelAvista	Biologia	Programa que recorre a cidadãos voluntários para obter dados com o intuito de monitorizar as populações de organismos gelatinosos (como as medusas) na costa Portuguesa.	https://www.ipma.pt/pt/media/noticias/news.detail.jsp?f=/pt/media/noticias/arquivo/2016/GelAvista.html
Gripenet	Saúde	Monitorização, através da internet, da epidemia sazonal de gripe, com base na participação voluntária dos cidadãos.	http://www.gripenet.pt/
Invasoras.pt	Biologia	Alertar para o problema das invasões biológicas, dar a conhecer as plantas invasoras a nível nacional e estimular a participação ativa do público quer no mapeamento destas espécies quer em atividades de controlo e divulgação	http://invasoras.pt/
MEDEA	Física/Saúde	Medir os campos eléctricos e magnéticos de muito baixa frequência que são produzidos por qualquer equipamento ou circuito eléctrico. Em particular, os alunos são encorajados a efetuar medições destes campos na escola, no seu ambiente doméstico e na vizinhança de linhas de transporte de energia eléctrica.	http://medea.spf.pt/
MoBiDIC	Biologia	O programa Monitorização da Biodiversidade Intertidal e Divulgação Científica trabalha com as escolas para a recolha de dados de vida marinha nas praias rochosas de Portugal.	http://www.mobidic.pt/pt
MosquitoWEB	Saúde	Portugal tem um programa de vigilância de vetores coordenado pela Direção-Geral da Saúde. No entanto, sabe-se que as populações humanas desempenham um papel importante na identificação precoce da presença de espécies exóticas de mosquitos. Assim, os cidadãos são convidados a participar através da captura e envio de mosquitos pelo correio.	http://www.mosquitoweb.pt/?AspxAutoDetectCookieSupport=1
Naturdata	Biologia	Projeto de recolha, processamento e partilha de informação sobre a biodiversidade de Portugal com o objetivo de inventariar as espécies que ocorrem em Portugal.	http://naturdata.com/
Portugal Aves	Biologia	Plataforma internacional para o registo de observação de aves (eBird) que em Portugal é gerida pela SPEA.	http://ebird.org/content/portugal/
Sun4All	Astronomia	Projeto que tem como objetivo a promoção da astronomia junto dos alunos de escolas do ensino não superior. O espólio de mais de 30 000 imagens do Sol existentes no Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra constitui o ponto de partida para um conjunto de atividades com vista à realização de trabalhos tendo como pano de fundo o Sol e a sua atmosfera.	http://www.mat.uc.pt/sun4all/index.php/pt/
Tejo Seguro	Ambiente	Plataforma cívica para monitorização da radioatividade na atmosfera, medida na zona do Tejo Internacional, fronteira Portugal/Espanha.	http://allbesmart.ddns.net/tejosseguro

EM DESTAQUE

Filosofia para Crianças, um laboratório de perguntas e reflexões

Cláudia Viana Professora de Filosofia e de Filosofia para Crianças



“Geralmente só pensamos no que nos acontece no dia-a-dia, e nunca paramos para pensar o que é pensar, perguntar, duvidar...O que faz uma pergunta ter sentido? foi uma pergunta que gostei de discutir.”

Diogo Ferreira 4.º ano

Desenhou-se no quadro um ponto de interrogação. Provocou-se a questão “o que é uma pergunta?”. Emergiram respostas: “é um enigma para resolver”, “é um mistério”, “é procurar uma resposta”... Outras questões se perfilharam: “Todas as perguntas têm resposta?”, “Quando encontro uma resposta, a pergunta desaparece?” ...

Um relato abreviado de uma sessão de filosofia no 1.º ano dedicada ao pensar sobre o pensar, ao pensar aquilo que as crianças fazem tão espontaneamente, o perguntar. Um grupo transformado numa comunidade de investigação (inquiry) e a aula num laboratório (mas) de perguntas e reflexões.

Matthew Lipman, ao sustentar o seu Programa de Filosofia para Crianças, defendeu que os filósofos e as crianças têm muito em comum: o espanto e admiração perante o mundo, sempre novo, e a vontade de o investigar e construir. *Podemos ser bons e agir mal?* ou *A fada dos dentes existe?* são exemplos de perguntas dos mais novos que, em última instância, são filosóficas ao constituírem os conceitos e temas tradicionais da Filosofia e ao darem início ao movimento do pensamento profundo.

Poder-se-á, neste seguimento, afirmar que a filosofia está nas perguntas?

Em conversa informal, Walter Kohan, catedrático de Filosofia da Educação, afirmou que a filosofia não está nas perguntas mas na relação que se estabelece com elas. Pense-se o tratamento leviano que se pode dar a uma pergunta, o tom repressor ou repreensivo de uma interrogação ou a pergunta retórica. Tratar levemente, reprimir ou manipular uma pergunta e suas possíveis respostas é invadir o espaço de reflexão do outro, é reprimir o próprio pensar. E, para uma criança, isto pode sugerir que nem sempre perguntar é cómodo e fazer com que esta experiência termine. A filosofia faz-se pela atenção dada à pergunta e a quem a interpela e pela relação estabelecida com as palavras pensadas e verbalizadas, um interesse e comprometimento conjunto.

Este problema leva-nos a pensar uma pedagogia da pergunta que alimente o filosofar e que se volte para a prática reflexiva de formação da autonomia do pensamento e do comportamento das crianças.

Se filosofar é interrogar a experiência humana, as crenças e o próprio pensamento e se as perguntas são a extensão de nós mesmos, a pedagogia da pergunta é a possibilidade de construir um processo de

“... os filósofos e as crianças têm muito em comum: o espanto e admiração perante o mundo, sempre novo, e a vontade de o investigar e construir.”

“... liberdade do pensar por si e com o outro...”

aprendizagem investigativo que conjugue atitudes, procedimentos e habilidades. Como atitudes, a empatia e sensibilidade comunitária (escuta atenciosa, fala significativa, sentimentos de solidariedade, respeito pela singularidade, responsabilidade pelo grupo), a admiração e espanto (pensar “de novo”), o posicionamento crítico (exercício da própria liberdade), o interesse pelo problemático, a valorização dos pontos de vista e construção sobre as ideias dos outros (cada “olhar” pode trazer novas formas de compreensão e de resposta), e o diálogo investigativo (o cuidado de apresentar e exigir razões). Como procedimento, processo de investigação, que deve garantir o aprofundamento dos temas e problemas e a produção de, por exemplo, novas questões ou o esclarecimento de conceitos. Como recursos, as habilidades de pensamento (raciocínio, construção de conceitos, interpretação e investigação). (LIPMAN, 1995)

Importa, ainda, esclarecer o que se entende por pergunta filosófica, aquela que se afirmou invocar e comprometer o diálogo investigativo.

Uma vez rotinados em diálogos desta natureza, as crianças já nos elucidam: “**pode ser um problema**”, “**resulta da admiração**”, “**é sobre o que nós sentimos e pensamos**”, “**é querer compreender**”, “**são perguntas que nos levam a outras**”, “**relaciona palavras e conceitos**”, “**não têm uma só resposta, certa ou errada**”, “**pedem diálogo e troca de ideias**”, “**voltam sempre a surgir**”...

As questões filosóficas têm um matiz de espanto, de crítica, de criatividade e pensamento diferenciado e, por vezes, de rutura com o senso comum, juízos pré-concebidos ou paradigmas, podendo mesmo instituir novas visões e conceitos. São perguntas que fundamentam a reflexão crítica e criativa sobre nós mesmos, sobre a relação do sujeito com o outro e com o mundo. São questões abertas que possibilitam um amplo conjunto de reflexões, de questionamentos e de investigação, cujas respostas mostram a abrangência e a complexidade de ideias e interpretações, interpretações estas que apelam à partilha e discussão.

Para as nossas crianças estas questões revelam a liberdade do pensar por si e com o outro, a procura de fundamentos e razões, a análise de hipóteses explicativas, a ponderação de alternativas e a reestruturação dos seus pontos de vista à luz de novas perspectivas ou evidências.

Assim se compreende a relação natural entre questões filosóficas e diálogo investigativo (com o eu e com o outro) e o laboratório de perguntas como condição necessária para se fazer filosofia, em qualquer idade.

Desde os 5 até aos 10 anos de idade, as nossas *comunidades de investigação* são confrontadas com o tema da pergunta e com as práticas do perguntar. Os *laboratórios filosóficos* recorrem a metodologias e instrumentos de trabalho um pouco diferentes dos das ciências. Seguem-se alguns exemplos de facilitadores da prática do questionamento e do processo investigativo:

Leitura, audição ou visionamento de narrativas, músicas, imagens, pequenos vídeos que interpelem o pensar;

A caixa das perguntas, que acolhe as perguntas, feitas pelos alunos, a trabalhar numa sessão e em sessões de continuidade;

A votação democrática para a escolha da questão a investigar;

O Quantos-Queres para selecionar aleatoriamente uma pergunta;

Mapeamento de perguntas, a propósito de um tema pode “desenhar-se” um mapa de perguntas a fim de compreender que outros conceitos se relacionam;

Cartões, que, consoante a cor, indicam temas ou categorias, por exemplo, é uma pergunta e não é pergunta;

Os pares. Tendo como máxima a colaboração, todos os elementos são importantes no processo horizontal de diálogo investigativo. Interpolações como “Posso ajudar o...?” , “O que queres dizer?” ou “E se...?” conduzem e garantem o processo. Também o facilitador (professor) pode ser um par, coadjuvando o exercício do pensar.

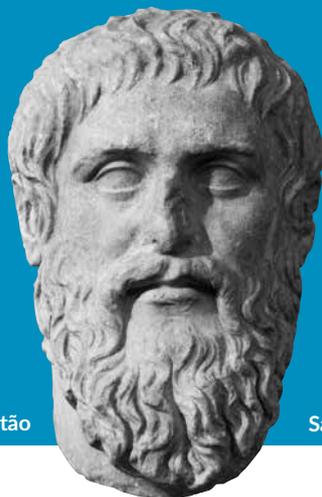


EM DESTAQUE

Indagações Filosóficas dos Novos Aprendizes do Saber

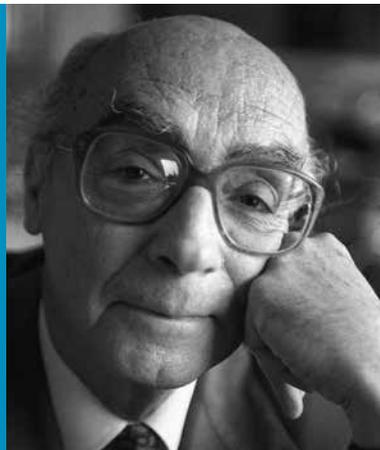
Os alunos de filosofia respondem: «É o mundo virtual a nova caverna de Platão?»

Daniela Morais Professora de Filosofia



Platão

José Saramago



No âmbito da disciplina de filosofia, os alunos das turmas 10.º1B, 10.º3 e 10.º4, realizaram uma reflexão sobre as consequências da proliferação dos meios de comunicação, através de uma releitura contemporânea da *Alegoria da Caverna*, de Platão.

Foi pedido aos alunos que indagassem sobre as implicações que o mundo virtual impõe na condição humana, ou seja, em que medida somos afetados por uma maior exposição face às novas tecnologias.

Para fomentar a discussão, foi analisado um comentário efetuado por José Saramago (Platão e o Mito da Caverna), quando este afirma que **“nós estamos efetivamente a repetir a situação das pessoas aprisionadas na caverna de Platão, vendo sombras e acreditando que são a realidade”**.

Para compreendermos estas afirmações é necessário esclarecer que a *Alegoria da Caverna* retrata, tal como explicitou o aluno Rodrigo Mendes, **“uma metáfora em que os prisioneiros de uma caverna estão presos desde que nasceram e a única coisa que conseguem observar são as sombras que são projetadas na parede que veem”** (Rodrigo Mendes 10.º 1B).

Esta metáfora apresenta, como conclui a aluna Giovanna Miotto, **“uma caverna, que simboliza o mundo da aparência das coisas, onde se vive numa escuridão intelectual”** (Giovanna Miotto 10.º 1B).

Que relação existe, então, entre esta *caverna* e o mundo virtual? Não esqueçamos que **“vivemos numa época onde tudo é exposto nas redes sociais e muitos pensam que estas definem o que somos ou fazemos”** (Rita Vieira 10.º 1B).

Porém, **“a evolução da tecnologia permitiu ao Homem evoluir nos últimos séculos, ao nível, por exemplo, da qualidade de vida, da educação e das comunicações”** (Rodrigo Mendes). É, assim, inegável que o progresso tecnológico permitiu à humanidade evoluir significativamente. Porém, é possível questionarmo-nos em que medida este progresso afeta a conduta humana e as relações interpessoais, cuja natureza se encontra invariavelmente condicionada por uma nova forma de comunicação.

Saramago afirma que **“vivemos num mundo onde as imagens se multiplicam e onde nos sentimos perdidos. Perdidos de nós próprios e perdidos na relação com o mundo. Acabamos por circular por aí sem saber muito bem o que somos, nem para que servimos, nem que sentido tem a existência”**. Assim, podemos questionar se a presença de mais meios de transmissão de informação implica necessariamente uma melhor aprendizagem?

Como realça o aluno Duarte Almeida, **“o problema não é a falta de exposição à informação mas sim o seu excesso que nos impede de ter tempo para contemplar o mundo verdadeiramente, não procurando saber a natureza das coisas. A perda desta contemplação do mundo é grave pois é o espanto provocado por esta que dá origem ao filo-**

“... ter a coragem de exercitar a razão...”

sofar, e a sua ausência, representa o caminho para a ignorância” (Duarte Almeida 10.º 1B).

Porém, como podemos justificar que num mundo onde a informação é transmitida constantemente, exista um défice no que diz respeito ao conhecimento apreendido? Uma explicação possível consiste na ideia de que “hoje em dia, consome-se muita informação mas muito pouca é transformada em conhecimento pois não é útil. Toda a informação sugerida tenta-nos vender algo em vez de nos dizer algo. Os media estão repletos de informação cujo único objetivo é entreter” (Rita Vieira).

Quais são, então, os motivos que nos prendem a este mundo virtual? A aluna Patrícia Marques acredita que “há tanta informação diante dos nossos olhos que tudo deixa de ter significado. Não prestamos atenção, a não ser que seja algo extraordinário” (Patrícia Marques 10.º 3).

Ora, as sensações que tornam a nossa realidade extraordinária quebram com o tédio provocado pelas rotinas, incessantemente repetidas, do quotidiano. Podemos, então, concluir que a fantasia proveniente do mundo virtual encaminha o Homem para uma realidade ilusória que o afasta cada vez mais de si, dos outros e do mundo?

A aluna Rita Vieira acredita que sim, pois “as pessoas pensam que tudo o que veem é a verdadeira realidade, enquanto veem apenas sombras e meras aparências. Desta forma, o ambiente virtual tem vindo a substituir o mundo real” (Rita Vieira).

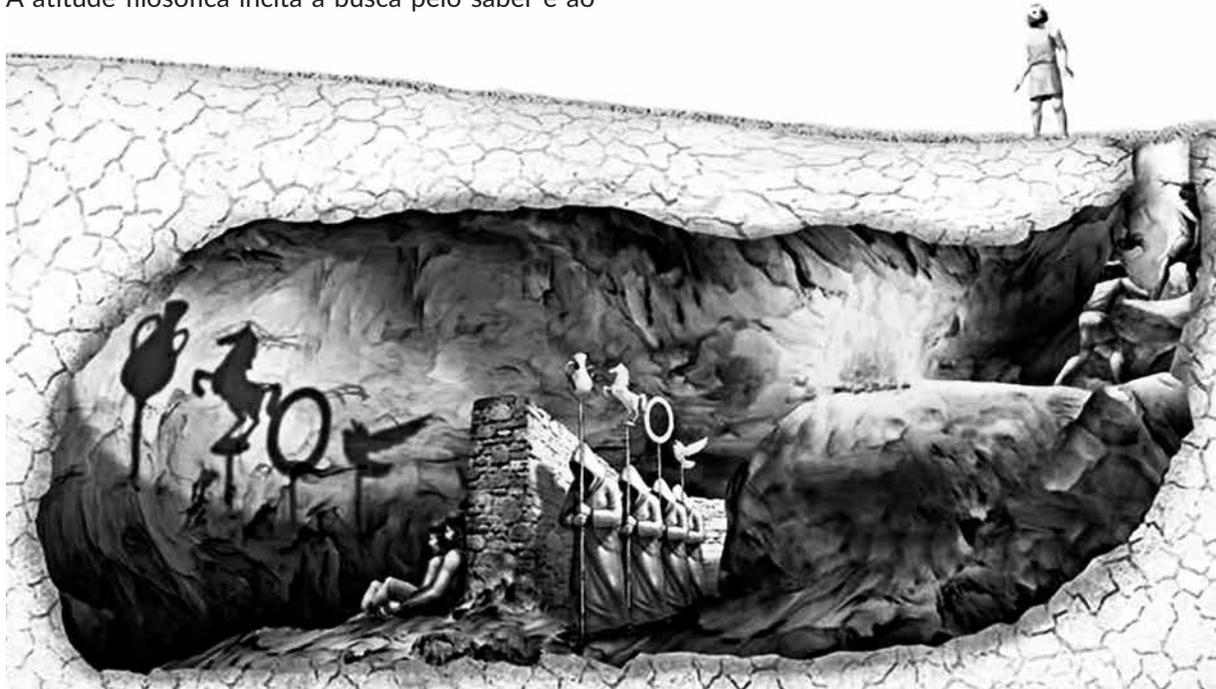
Como podemos, então, contrariar esta tendência que aprisiona o Homem num universo ilusório? A atitude filosófica incita à busca pelo saber e ao

questionamento constante. O verdadeiro amante do conhecimento, aquele que frui do simples ato de conhecer, não se resigna a uma realidade fixa. Porém, “o que vivemos atualmente contraria este princípio: estamos constantemente expostos a tanta informação que acabamos por tomar o conhecimento por garantido o que nos impede de nos tornarmos seres instruídos: como os homens da caverna, estamos condenados a uma *menoridade intelectual*” (Giovanna Miotto).

“A verdade é que há cada vez mais pessoas a procurar refúgio no mundo digital devido à sua insatisfação com o mundo real.” (Rodrigo Mendes) Assim, torna-se “preocupante saber que vivemos num mundo onde somos escravos da tecnologia que criamos!” (Rita Vieira)

Qual é então, a solução, para este problema? Talvez seja necessário “ter a coragem de exercitar a razão para ir em busca do verdadeiro saber” (Giovanna Miotto). Talvez seja necessário aprendermos a explorar este *admirável mundo novo* em que vivemos através de uma atitude filosófica, de constante questionamento.

“Quanto à caverna com o tempo vai-se desgastando, ficando mais frágil e vulnerável. Afinal, nada permanece e tudo está em constante transformação” (Patrícia Marques). Nós “temos a opção de nos desconectar deste mundo virtual e contemplar a realidade. Temos opção de fechar os computadores e abrir as portas!” (Rita Vieira).



Retirar os véus ao texto – O papel da racionalidade na procura das leituras possíveis

Joana Baião Professora de Português

“A literatura e a poesia são sobretudo um trabalho de estruturação de um olhar sobre o mundo e depois a colocação desse olhar sob a forma de linguagem. Uma linguagem que não se limite a contar factos (...), mas que dê a ver o invisível através do visível.”

João Barrento 2016

O objetivo que perseguimos em aula é o de desvendar o texto, muitas vezes pensando esse desvendar como destruição racional de um texto que nos é alheio para conseguir a criação de um texto familiar, de que nos apropriamos. O processo é questionador, ativo e alcança mais pela partilha de interrogações e de leituras do que pelo caminho solitário.

Não podemos passar pelos textos sem compreender o que nos exigem, esperar que falem connosco sem que nos dediquemos a questioná-los faz de nós leitores ingénuos, que raramente chegarão à compreensão da trama. É curioso compreender que muitas vezes os alunos esperam do texto uma miraculosa aparição de conteúdos, estruturações e conhecimentos prontos a receber. O nosso trabalho, enquanto professores, parece-nos ser desmistificar esta ideia de *texto disponível a consumir* e mostrar-lhes, em aula, o papel da competência crítica, da investigação, para alcançar o texto de modo mais fecundo.

Uma das grandes questões dos alunos quando se dedicam à análise textual é “Como posso saber que era isto o que o autor estava a pensar?” e esta questão afigura-se-lhes como algo angustiante, como se nunca fossem estar à altura de poder afirmar a sua consonância com o pensamento, o

porta o que o autor quis dizer, importa o que disse realmente e a interpretação fundamentada que é legítima face ao texto que nos é dado. Todo o contexto da leitura, o modo como a problematizamos, oralmente ou por escrito, é o grande trabalho de base. Conhecer o autor é saber-lhe as tendências, as temáticas, as preocupações e, a partir daí, falar-lhe, lendo-o. Isso é interpretar, pensar o texto. Não falamos, na disciplina de Português, de uma ciência exata, não nos preocupa o carácter fechado das questões ou das respostas.

Como nos recordou Mannoni (1999) a literatura, nos grandes textos literários, leva-nos a interrogar a relação entre *uma vida e uma obra*. A nossa intenção é levar a que a leitura seja a interrogação, em última análise, da relação entre *essa obra* e *a nossa vida*. O convite à leitura de qualquer texto pretende ser um desafio, o carácter provocatório das questões em aula é essencial para despoletar o pensamento crítico. Dewey (1933) recorda-nos, ao modo socrático, que o pensamento não ocorre espontaneamente, devendo ser invocado através de problemas ou perguntas. Curiosa é a sua sugestão de criar nos alunos um certo nível de dúvida, de confusão, que lhe parece ser fundamental para o percorrer de um caminho de questionamento.

Abrir espaço para que possam pensar livremente a construção textual que se lhes impõe é fundamental. Nesse sentido, o trabalho de reflexão de cada aluno realizado através da escrita, em formato de notas de leitura, revela a interpretação ponderada, o carácter crítico que a análise literária exige para que se considere adequada e produtiva de um sentido do texto. A provocação que pretendeu despoletar a análise crítica que expomos de seguida em pequenos excertos passou por um guião que sugeria a relação do texto com a atualidade, do texto com os alunos eles mesmos, do texto com outros textos. Apresentamos alguns exemplos de reflexões a partir da leitura autónoma:

“... criar nos alunos um certo nível de dúvida, de confusão (...) fundamental para o percorrer de um caminho de questionamento.”

desejo e a concretização daquele que escreve. Importa sossegá-los. Não procuramos a Verdade do texto, mas uma verdade no texto. Afinal não im-



“Se crescermos a sentir que não somos amados, tal como Hindley, vamos ter, também, dificuldade em amar e em considerar o lado afetivo, algo indispensável. Além disso, grande parte da nossa personalidade é moldada por aquilo que consideramos ser uma referência, pelo que Edgar e Isabella, como sempre experienciaram o respeito, a compaixão e comportamentos exemplares, vão ser um reflexo disso.”

A propósito da leitura de *O Monte dos Vendavais*, de Emily Brontë
Laura Mota 10.º 1A

“Esta é uma obra muito difícil de absorver, pois é uma narrativa que ilustra a destruição de uma família. Esta acaba por florir, quando Gregor morre («Depois saíram do apartamento todos juntos, como já não acontecia há mais de seis meses»). Ou seja, a metamorfose também é de toda a família. O que mostra que quando um sujeito se altera, todo o grupo sofre alterações.”

A propósito da leitura de *A metamorfose*, de Franz Kafka
Berke Duarte 10.º 1A

“Don Juan é o homem que ama todas as mulheres como se cada uma fosse o «seu amor verdadeiro». Talvez seja absurdo o facto de cada homem não ter só uma paixão, mas isso caberá a cada pessoa julgar. Como diz o narrador: “Por que seria necessário raramente amar para amar muito?”. Não será esse o erro total? Cada um tem a sua forma de amar, de viver, de enfrentar o absurdo na vida. (...) Don Juan é, de certa forma, uma antítese ao casamento. Isto faz-me refletir sobre o que, exatamente, o amor propõe. (...) Estou a dar espaço para mais significados para a palavra “amar”. Não é obrigatório que todos sejam como eu, nem como Don Juan, pois cada um é como é, e amar é sempre uma forma de inocência”.

A propósito da leitura de *O Mito de Sísifo*, de Albert Camus
João Montalvão e Silva 10.º 1A

“Na obra de José Saramago, a morte tarda em aparecer. Portugal está em crise. Há semanas que ninguém morre no país e, como tal, uma família de camponeses vê-se obrigada a tomar uma decisão importantíssima. Lembrando-se de que só em Portugal a morte parou de atuar, a família decide passar a linha fronteira para que avô e netos, doentes, possam, enfim, morrer. (...) A família é difamada em toda a sociedade, uma vez que, a sociedade considera um ato de crueldade encaminhar um parente até à morte. (...) Da mesma forma que nesta obra é colocada em dúvida se a atitude tomada pelos camponeses é ou não correta, atualmente, a eutanásia é um tema pouco consensual para o qual não existe uma resposta definitiva.”

A propósito da leitura de *As intermitências da morte*, de José Saramago
Duarte Martins 10.º 1A

“O general fala de um processo de envelhecimento constante, mas refere que uma amizade deveria durar uma vida. Relata então, reparo que nostalgicamente, sobre qual é o papel essencial de um amigo e qual o significado da verdadeira amizade. Falam ambos também do que é ser um amigo infiel e discutem abertamente este tema. Penso que Konrád se sente até um pouco ofendido. (...) O general, no entanto, parece não mudar de opinião porque, segundo o meu ponto de vista, tem na sua mente uma realidade que foi construindo ao longo dos anos e que agora expõe a Konrád.”

A propósito da leitura de *As velas ardem até ao fim*, de Sándor Márai
Filipa Tojal Silva 10.º 1A

“Apesar de representar a autoridade, o coronel, em certas ocasiões, colocava atrás das suas orelhas flores. Colocava-as porque, do meu ponto de vista, a sua credibilidade não era posta em causa. Ele possuía por parte de todos um respeito tão grande que não era por utilizar um adereço que apela à sensibilidade que a sua potência era alguma vez questionada ou desrespeitada. Até pelo contrário, quando ele as colocava, e tal como nos diz o narrador, a autoridade e a sensibilidade do coronel eram mutuamente reforçadas.”

A propósito da leitura de *O Pintor Debaixo do Lava-loiças*, de Afonso Cruz
Maria Gomes 10.º 1A

EM DESTAQUE

Perguntar, investigar, descobrir, aprender!

Ana Pereira, Inês Afonso, Lucília Batista Educadoras das turmas dos 5 anos

Desde sempre sentimos a necessidade de desenvolver com as crianças capacidades de questionar, atitudes de curiosidade e vontade de saber que levem os nossos alunos a investigar, obter conhecimentos e respostas às suas questões, tanto individuais como de grupo, possibilitando assim trabalhos mais pertinentes e adequados aos seus interesses.

Estimular a curiosidade, aprender a investigar, descobrir soluções e torná-las aprendizagens, desenvolve nos nossos alunos o desejo de saber e a alegria de partilhar com os outros.

Sendo o “projeto” um mote para investigar partindo de um interesse pessoal, lançámos no dia-a-dia o desafio a cada criança de trazer os seus próprios projetos apresentando-os e partilhando-os com o grupo.

Experimentar, aprender e crescer... o caminho para uma alimentação saudável

Também neste espírito procuramos estimular a participação e intervenção dos alunos nas atividades do laboratório e da horta.

Atendendo à importância da aquisição de conhecimentos e competências necessários à adoção de hábitos e rotinas saudáveis, iniciámos o projeto “Experimentar, aprender e crescer... o caminho para uma alimentação saudável”.

O que é uma alimentação saudável?

- «É quando comemos comida que tem vitaminas e que faz bem ao nosso corpo.» (Gabriel Ferreira)
- «Comer coisas que fazem crescer.» (Mariana Botelho)
- «Comer alimentos saudáveis.» (Leonor Ferreira)

“Estimular a curiosidade, aprender a investigar, descobrir soluções e torná-las aprendizagens...”



Diálogo e jogos com a nutricionista
Gisele Câmara.



«Aprendi que é importante para a saúde termos uma alimentação saudável.»

Rita Resende

«Aprendi que é bom comer legumes e frutas, beber água e comer carne, peixe e ovos.»

Maria Batalha

«Adorei ver as cenouras a crescer. Aprendi que os alimentos são importantes para a nossa saúde.»

Francisco Pica

«Gostei de aprender que é importante comer alimentos saudáveis porque fazem bem à saúde.»

Pedro Parreira

«Gostei muito de estudar a cenoura porque descobri que tinha betacaroteno e vitamina A.»

André Cruz

O que querem aprender sobre a alimentação saudável e os alimentos?

- «Plantar árvores de frutos, cuidar e saber como elas crescem.» (Mariana Gomes)
- Porque os legumes e os cereais são tão importantes para a alimentação?» (Eduardo Freire)
- «Gostava de saber como se faz o pão.» (Tiago Abreu)

Passámos por várias fases ao longo deste projeto:

- Visitas ao mercado de Alvalade e à padaria de Carnide;
- Elaboração da pirâmide dos alimentos;
- Culinária – confeção de sopa e salada de frutas;
- Sementeira – canteiro de ervas aromáticas, laranjas, tangerinas e cenouras e cultivo de cogumelos;
- Plantações e recolha de alimentos na horta – alfaces, couves e cebolas;
- Ciclo do pão.



Temos sentido que as crianças estão mais sensibilizadas e despertas para fazer escolhas mais saudáveis.

«Aprendi que uma alimentação saudável faz bem ao coração.»

Hugo Gancho

«Aprendi que é importante uma alimentação equilibrada, saber o que comer mais e o que comer menos.»

Mariana Fernandes

EM DESTAQUE

Construir saber: O envolvimento ativo dos alunos em projetos de investigação

João Gomes Coordenador do Departamento de Biologia

“... um processo ativo em que o aluno desempenha o papel principal de construtor do seu próprio conhecimento.”

Considero bastante importante no desenvolvimento de um estudante a participação em projetos deste género. É bastante gratificante estar envolvido num projeto de investigação. O envolvimento em projetos trouxe-me um conhecimento e um à vontade quando posto em desafios que colocavam/colocam à prova o que aprendi, sendo muitas vezes diferenciador em relação a outros colegas do ensino universitário.

Não desenvolvi apenas características pessoais, mas também obtive ferramentas essenciais no mundo académico. Adquiri competências de como desenvolver um projeto de investigação, saber fazer um relatório, um artigo, um poster, entre outras. A nível pessoal penso que ganhei maior sentido de responsabilidade, capacidade de trabalhar em grupo, organização, perseverança perante adversidades, algo que me ajudou na minha vida não só académica.

Gonçalo Pereira Antigo aluno do Colégio Valsassina. Atualmente está a frequentar o 3.º ano do Curso de Medicina.



Todos os dias somos confrontados com os termos inovação, tecnologia, desenvolvimento, ciência, em diversos contextos da nossa sociedade como o educacional, empresarial, comercial, político e religioso.

A Educação em Ciências na formação dos indivíduos é cada vez mais pertinente dado que vivemos numa sociedade de cariz científico e tecnológico. A Ciência é a atividade humana que permite ao cidadão comum defender-se de crenças e mitos, daí que o seu reconhecimento e divulgação sejam essenciais nas sociedades contemporâneas. Por este motivo, a Ciência deve ser apresentada como um conhecimento em construção, dando-se particular importância ao modo de produção destes saberes, reforçando a ideia de um conhecimento científico em mudança e explorando, ao nível das aulas, a natureza da ciência e da investigação científica.

Deste modo, a aprendizagem das ciências deve ser entendida como um processo ativo em que o aluno desempenha o papel principal de construtor do seu próprio conhecimento. Como tal, as atividades práticas, de caráter experimental, investigativo, ou de outro tipo, desempenham um papel particularmente importante na aprendizagem das ciências. Além disso, a uma avaliação dos aspetos conceptuais é essencial associar uma avaliação de aspetos procedimentais e atitudinais.

Neste contexto, nas disciplinas específicas dos Cursos de Ciências e Tecnologias, em particular em Biologia e Geologia (10.º e 11.º ano) e Biologia (12.º) os alunos são desafiados a desenvolver um trabalho de caráter científico, não como um processo linear (que caminha dos factos para as ideias), mas como um processo investigativo que envolve vários métodos e explicações, onde a criação, a incerteza, a crítica e o erro possam desempenhar um papel fundamental.

O ponto de partida é a identificação de um problema ou de uma questão relacionada com um determinado cenário científico. Deste modo, promove-se a competência de questionamento dos alunos. Esta, segundo Vilaça e Morgado (2013) é um pré-requisito para experimentarem uma cidadania ativa e responsável. Para estes autores, quando os alunos colocam questões mantêm uma atitude positiva de interesse e curiosidade sobre o mundo real e refletem sobre o conhecimento científico, económico, social e cultural de uma forma mais profunda para serem capazes de compreender a natureza e a extensão dos problemas da sociedade.

Ao longo de todo o processo, os alunos resolvem os problemas, enquanto os professores assumem-se como “tutores” ou “facilitadores”. Em complemento, é possível promover uma cultura cidadã, ou seja, contribuir para que o aluno, o cidadão, aprenda a construir-se a si próprio e à sociedade, ao participar na construção de saber.

Apresento alguns testemunhos a partir de projetos já realizados.

Após terminar o meu primeiro semestre no Ensino Superior é com alguma nostalgia que recordo o meu percurso no Colégio Valsassina.

Tudo começou 10.º ano quando apresentei a minha candidatura à missão Alentejo 2014, iniciativa promovida pelo programa *Jovens Repórteres para o Ambiente*. Sem conhecer rigorosamente ninguém, embarquei numa viagem de sete dias rumo à vila de Barrancos, no Baixo Alentejo. Numa única semana passei de uma simples estudante a uma aspirante a jornalista. No ano seguinte, com a “constante sombra ameaçadora dos exames nacionais”, fui convidada a integrar a comitiva portuguesa no *Workshop Internacional YRE Litter Less, realizado em Nicósia, Chipre*.

Um dos momentos mais gratificantes foi de facto no 12.º ano, com a apresentação do projeto *Mooplastic na Academia Empreender Jovem*, desenvolvido pela *Associação Industrial Portuguesa*. Em conjunto com a Mariana Carrasco, criei um biopolímero alternativo ao plástico comercial, reutilizando leite excedente da indústria.

Mafalda Gomes Antiga aluna do Colégio Valsassina. Atualmente está a frequentar o 1.º ano do Curso de Medicina Veterinária.



Os projetos de investigação são uma peça fulcral para a aprendizagem. São desafios que nos são propostos e que nos marcam. O meu envolvimento em projetos de investigação ajudou-me a crescer e com eles fortaleci muitas capacidades e competências que se têm mostrado indispensáveis no meu percurso académico no ensino superior. Desde o cumprimento de prazos, à organização de ideias, à capacidade de apresentação em público, ao desenvolvimento de parcerias e contactos, à capacidade de pesquisa de informação, e mais marcante a capacidade de divulgação através de posters, vídeos, relatórios e artigos científicos.

O projeto que mais me marcou foi sem dúvida o primeiro, “Ostras e poluição: que ligação?”, no 8.º ano. Tinha apenas 13 anos e não só apresentamos o trabalho para a turma como depois para uma plateia de pessoas de todas as idades no Pavilhão do Conhecimento, onde, para além da audiência, havia uma equipa de reportagem e fotógrafos. Foi, depois desta manhã, e do dia que passamos no IPMA a aprofundar o tema, que o meu gosto pela investigação e pela divulgação de projetos despoletou.

Carolina Fonseca Antiga aluna do Colégio Valsassina. Atualmente está a frequentar o 3.º ano do Curso de Engenharia Química.

O meu envolvimento em projetos de investigação científica, em parceria com várias faculdades, permitiu-me desenvolver diversas competências, entre as quais o trabalho em grupo e a divulgação científica. Aprendi também a encarar resultados menos bons como desafios a ultrapassar. A divulgação destes projetos começa na escola, pode avançar para a Mostra Nacional de Ciência, que nos possibilita atingir um público mais amplo, e possivelmente pode levar-nos a um nível internacional, no meu caso a representar Portugal com uma colega na Semana de Investigação sobre a Vida Selvagem, na Suíça em 2015. Os vários projetos permitiram-me entender e pôr em prática o pensamento de Ben Goldacre, investigador e médico inglês “A ciência tem autoridade não pelas batatas de laboratório ou pelos títulos, mas pela precisão e transparência: explicamos a nossa teoria, estabelecemos evidências e referenciamos os estudos que suportam o nosso caso”.

Neste momento, na universidade, sinto que o ritmo de trabalho exigido, conciliado com a prática competitiva de natação e a variedade de projetos em que estive envolvida durante os 13 anos no Colégio me permitiram sonhar mais alto, descobrir oportunidades diferente e estar a escrever este texto a 1349 Km de distância.



Rita Marques Pinto Antiga aluna do Colégio Valsassina. Atualmente está a frequentar o 1.º ano do Curso Biological Science, na Plymouth University.

EDUCAR PELA e para a resolução de problemas

O desafio de construir e lançar um satélite

SatFree PE: um projeto em expansão rumo à final



A equipa SatFree PE.

Da esquerda para a direita: **Guilherme Almeida 11.º 1B**; **Carolina Gomes 11.º 1A**; Professor de Física e Química, **Pedro Jorge**; **Maria Carreira 11.º 1A** e **André Santos 11.º 1B**.

A nossa participação no CanSat 2017 foi uma aventura à qual nos propusemos, em setembro, desafiados pelo professor Pedro Jorge, sem qualquer ideia de todos os desafios que tínhamos pela frente. Criámos então a equipa SatFree - Planet Exploration, formada por duas alunas de Biologia: Carolina Gomes e Maria Carreira, e dois alunos de Geometria: André Santos e Guilherme Almeida.

O CanSat Portugal é um projeto educativo da Agência Espacial Europeia (ESA), organizado em Portugal pelo Centro AeroEspaço do Aero Clube de Torres Vedras em cooperação com a Ciência Viva - Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica, com o objectivo de proporcionar aos estudantes Portugueses a primeira experiência em projetos relacionados com a tecnologia aeroespacial.

A Missão (experimental) CanSat implica uma aprendizagem baseada na resolução de problemas, onde cada estudante deve demonstrar capacidade de trabalho em equipa, utilizando os recursos disponíveis.

O CanSat (satélite em forma de lata) é um modelo funcional de um micro-satélite, em que todos os sistemas são integrados no volume de uma lata de refrigerante.

“... a criatividade
é um elemento
chave...”



O CanSat Portugal é um projeto da Agência Espacial Europeia dinamizado no nosso país pela ESERO Portugal (European Space Education Resource Office) juntamente com a Ciência Viva - Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica. O principal objetivo desta iniciativa, realizada a nível europeu, é o de proporcionar aos jovens um primeiro contacto com as “tecnologias aeroespaciais”.

Deste modo, cada equipa deve “projetar, construir, testar e operar o CanSat”, um microsatélite em forma de lata de refrigerante, que será posteriormente lançado por um foguetão de uma altitude de 1000m.

No entanto, como em todos os concursos, a criatividade é um elemento chave e, quase sempre de distinção. Como tal, a equipa SatFree PE procurou incluir originalidade no seu projeto.



O paraquedas do nosso satélite.



Eixo M do trem de aterragem.



O nosso objetivo científico é, assim, determinar, através da recolha de dados atmosféricos e da georreferenciação, se um planeta apresenta condições propícias ao desenvolvimento de vida.

Iremos igualmente estudar quais as plantas apropriadas para o desenvolvimento de uma atmosfera adequada à sobrevivência do ser humano. Assim, temos vindo a elaborar uma base de dados com diversas plantas que servirá como instrumento para a exploração espacial.

Durante a descida do nosso satélite, serão medidos dados como a humidade, velocidade, a aceleração, a luminosidade ambiente, a temperatura e o fotoperíodo de um determinado ponto com base na localização do satélite e na sua posição relativamente à estrela mais próxima. Para a recolha de dados ao longo da descida e também em vários pontos da superfície, após o lançamento, o satélite adquirirá capacidade de se deslocar na superfície terrestre, através de um trem de aterragem, que será ativado durante a descida. É de referir que o Arduino é plataforma eletrónica utilizada para desenvolver os protótipos e que nos permitirá fazer a recolha de dados e controlar o satélite.

Neste momento, aproxima-se a final nacional (que se irá realizar de 4 a 7 de maio, em Santa Maria, nos Açores). Além de constituir uma aventura ainda maior, consideramos que chegar às 15 equipas selecionadas a nível nacional só foi possível devido ao nosso espírito de equipa.

A motivação é, de facto, o elemento chave do nosso projeto. Aliado ao enorme entusiasmo do nosso Professor, sempre disponível a incentivar-nos a continuar o bom trabalho e a dar o nosso melhor, o facto de cada elemento da equipa se concentrar principalmente nas suas áreas de interesse (biologia, eletrónica, programação...) contribui para que as capacidades de cada um possam ser valorizadas ao máximo. Não devemos, no entanto, deixar de mencionar as inúmeras ferramentas novas que temos adquirido ao longo do projeto, desde a montagem de circuitos elétricos (um desafio para as alunas de Biologia!) à exploração de bases de dados de flora (o deleite dos alunos de Geometria!).

Por último, também o estreitamento de laços se revelou uma recompensa inesperada durante as férias e em todas aquelas quintas-feiras em que o laboratório da escola nos acolhia até quase às oito da noite. Mesmo quando a vontade de descansar parecia imensa e o cansaço dava os seus sinais, podermos ver os frutos do nosso próprio trabalho é gratificante.

Efetivamente, ainda temos muitos desafios pela frente e participar na final do CanSat 2017 é um deles, sendo, no entanto, um grande privilégio. É, acima de tudo, uma experiência nova da qual adquiriremos não só know how, mas também memórias de três dias onde a motivação, o espírito de equipa e a dedicação da equipa SatFree Planet Exploration decerto mostrarão a sua importância.

A equipa SatFree PE

Página oficial do projeto: <http://cansatportugal.org>

Página da equipa SatFree: <https://www.facebook.com/satfree2017/>

EDUCAR PELO desafio e pela experimentação

Discutir ideias e procurar soluções. Atividades experimentais desenvolvidas no laboratório do 1º ciclo

Pedro Alpuim Professor do 1.º ciclo

As aprendizagens, para se tornarem significativas, passam pelo desenvolvimento de projetos centrados em problemas. Ao aplicá-lo estamos a colocar o aluno no centro do processo do ensino/aprendizagem, tornando-o responsável e tirando partido de todas as sua potencialidades.

Na metodologia de projeto, o aluno aprende no próprio processo de produção. Ao levantar dúvidas, pesquisar, criam relações que incentivam novas buscas, descobertas, compreensões e reconstruções do conhecimento. E, portanto, o papel do professor deixa de ser aquele que ensina por meio da transmissão de informações e passa a criar situações de aprendizagem, cujo foco coincide sobre as relações que se estabelecem neste processo, cabendo ao docente realizar as mediações necessárias no sentido de gerar aprendizagens significativas nos seus alunos.

O projeto do Ensino Experimental das Ciências no 1º ciclo continua a proporcionar diferentes situações de aprendizagem, com questões desafiadoras, que despertam o interesse dos nossos alunos.

Os nossos pequenos cientistas, semanalmente, realizam atividades de carácter prático e experimental, discutem ideias e solucionam problemas. Sempre que os alunos executam essas atividades e investigam para responder a questões como “O que acontece se ...?”, “Quais as diferenças e as semelhanças entre ...?” ou descobrem se o ar ocupa mais espaço quando está quente ou quando está frio, ou verificam que, quando coisas quentes arrefecem ou coisas frias aquecem, há uma mudança na temperatura, que pode ser sentida e medida pelo termómetro, fazem parte ativa do processo de investigação e aprendizagem.

Queremos que os nossos alunos desenvolvam um espírito de cooperação nas atividades de experimentação, onde o espírito de partilha, a ajuda e a colaboração, promovam o diálogo, a troca de ideias e de opiniões e a chegada a conclusões.

Apresentamos, de seguida, algumas atividades desenvolvidas no nosso laboratório.

1º ANO

“O que acontece aos materiais ao estarem em contacto com a água?”

Objetivos

- Explorar os conceitos de seco e molhado.
- Explorar os conceitos de moldável e não moldável.



2º ANO

“Que objetos flutuam na água?”

Objetivos

- Realizar experiências com água.
- Conhecer conceitos de flutuabilidade e a não flutuabilidade dos objetos, levantando hipóteses sobre esses conceitos.
- Estabelecer algumas relações sobre a flutuabilidade e a não flutuabilidade, tendo em conta as diferenças de material, tamanho, peso e forma dos objetos.



3º ANO

“Pastilhas Mentos com Coca-cola”

Objetivos

- Compreender os malefícios do consumo deste tipo de refrigerante no dia-a-dia.
- Perceber por que razão não se deve combinar estas duas substâncias.



4º ANO

“Experiências com a água: Como funcionam os vasos comunicantes?”

Objetivos

- Compreender o funcionamento da pressão sobre a água.
- Mostrar que a água contida em vários recipientes, de formatos e tamanhos diferentes, interligados entre si, se comportará como se estivesse num único recipiente, mantendo em todos eles o mesmo nível na horizontal.



EM DESTAQUE **O poder da pergunta**

Bruno Molarinho Carmo Licenciado em Gestão. Encarregado de Educação de um aluno do 10.º ano

“Nunca percam o sentido crítico e a capacidade de audição e sobretudo, mantenham a mente aberta à descoberta e ao conhecimento.”

Desde que o Homem tomou consciência e começou a pensar por si, que esta passou a ser a sua atividade principal; Questionar.

As questões podem ser práticas ou teóricas, e enquadrar-se mais ou menos em objetivos concretos ou metafísicos, mas todas elas vão dar ao mesmo local; a satisfação da curiosidade humana.

É esta curiosidade pelo conhecimento, que tem feito a evolução da espécie humana.

Nem sempre naquele que poderá ser considerado o melhor sentido mas sempre dando passos no alcance do desconhecido.

A pergunta ou questão, está na base do desenvolvimento do problema, por isso o diagnóstico da dúvida ser a base da formulação da questão para encontrar a solução.

Descartes formulou a teoria da dúvida metódica, como base do pensamento humano, dando dessa forma corpo e conteúdo à forma de formular questões perante um problema.

Existem aqueles pensadores que questionam sem qualquer objectivo prático e existem os pensadores que questionam no intuito de resolver problemas.

Sem emissão de juízo de valor, ambos são válidos e necessários, complementares diria mesmo.

O Homem tem como grande fator diferenciador das outras espécies de seres vivos conhecidas, o facto de poder comunicar. Comunicar consigo com os outros e com o mundo que o rodeia. E dessa capacidade muito cedo se apercebeu que em conjunto, com debate e trabalho de grupo, poderia chegar mais rápido e mais longe.

A troca e partilha de experiências e conhecimentos, são ainda hoje a base para a descoberta.

É nesta reciprocidade biunívoca entre professores e alunos, que deve assentar a postura e posicionamento de uma turma, ou de uma escola.

Conscientes todos desta mesma realidade; O conhecimento não se faz. Atinge-se, e renova-se com a formulação da questão.

Deste modo Sócrates talvez o mais antigo dos pensadores conhecidos formulou a mais pura das teorias; Eu só sei que nada sei!

Olhando a dimensão extraordinária do universo e tudo os que nos rodeia tal será seguramente uma teoria muito válida e ainda atual.

Mas e porque não questioná-la?

Einstein mostra-nos que num determinado espaço e num determinado tempo nós somos donos da verdade, nesse momento, mas que tal momento é sempre efémero.

A solução para um determinado momento será sempre melhor que a falta dela.

É deste modo que estudar, questionar, procurar com método a solução de problemas actuais, nos enriquece e faz de nós melhores seres humanos.

Mesmo que tais soluções possam ser efémeras, ficamos sempre com a certeza de que pelo menos foram a base para futuros desenvolvimentos e estudos, no encontrar do caminho para a Verdade.

Poder-se-ia pensar que eu sou um pensador e um filósofo, mas não, como vós sou um homem de ciência, que encontrou na filosofia uma forma lógica de valorizar a ciência e as suas conquistas.

Nunca percam o sentido crítico e a capacidade de audição e, sobretudo, mantenham a mente aberta à descoberta e ao conhecimento.



EDUCAR PARA a língua materna e para a escrita

Não era uma vez, nem duas... eram “três vezes”!

Fátima Monteiro Professora do 1.º ciclo, Carla Almeida Professora de Português do 2.º ciclo



Turma 5.º B



Turma 4.º C

No âmbito da Semana das Línguas, as professoras Carla Almeida (5.º B) e Fátima Monteiro (4.º C) propuseram aos seus alunos um trabalho de escrita criativa, com base nas categorias da narrativa.

A cada aluno coube escrever apenas uma parte de uma história: introdução, desenvolvimento ou conclusão.

Iniciar uma narrativa ou mesmo desenvolvê-la, não é tarefa muito difícil. Todavia, a partir de uma conclusão escrever uma introdução ou um desenvolvimento já é mais complicado. É preciso respeitar as personagens intervenientes, ter em conta o que aconteceu e em que espaço e tempo ocorreram as ações. É ainda importante pensar bem na estrutura e na coerência do texto. Mas, para a história agradar ao leitor, quem a escreve deve fazê-lo com empenho, dedicação e... muita PAIXÃO!

Não sendo possível apresentar todos os textos, eis um exemplo de uma história escrita por três alunos separadamente. A partir da conclusão, foi feita uma introdução e, finalmente, o seu desenvolvimento.

O menino que não confiava em si

Eu sou um menino um pouco tímido e pouco confiante em mim. Por vezes, sinto-me inseguro nos testes ou em apresentações orais. Uma vez, tive “Não Satisfaz” num teste e até tinha estudado muito.

Luís Xia

Certo dia, veio uma senhora à minha escola e disse que íamos ter um teste de autoconfiança. Eu fiquei nervoso porque nunca tinha havido nenhum teste assim. Mas ela disse que íamos ter algumas aulas que serviriam para eu ganhar mais confiança. E deram-me muita!

Faltava pouco para o teste e senti-me nervoso. Quando cheguei à escola, de repente, vendaram-me os olhos e disseram-me:

– Estás num arranha-céus. Preferes atirar-te e salvar todos os que te amam ou não te atirares e ficas com os que te odeiam?

A escolha foi difícil! Atirei-me e cai numa coisa fofinha. Tirei a venda e afinal estava num colchão.

José Amador

A partir daí passei a confiar mais em mim.

Matias Reis

EDUCAR PARA a leitura e para a escrita

Meninutos, meninos que escrevem como adultos

Um projeto de turma criativo e desafiante

Carla Caldeira Professora do 4.ºA

“... crianças
escritoras
com espírito
crítico...”



Estávamos ainda no início do ano letivo quando se proporcionou o encontro entre a escritora Rita Taborda Duarte e os alunos do 4.ºAno. Depois de apresentada a Alice e os desenhos originais, que vieram dar cor ao livro *A Verdadeira História da Alice*, foi interessante observar o encantamento dos alunos pela forma singular de escrita desta autora.

Logo surgiu a vontade de iniciar um projeto de escrita criativa em parceria. A ideia foi bem aceite pela Rita e, assim, iniciámos a exploração da obra.

Findo este trabalho inicial, várias ideias foram surgindo e o entusiasmo aumentando a cada vez que, na área de Português, a história se desenvolve.

Os alunos revelam espírito de grupo, ouvindo as ideias dos colegas, completando-as e acrescentando informação que traz valor. São críticos, de forma construtiva, e é notória a evolução em termos de colaboração e respeito pelas ideias e tempos dos colegas.

Ainda, no seguimento deste trabalho, tivemos conhecimento do lançamento de um novo livro de poesias da escritora *Animais e Animenos*, mais uma vez, surgiu interesse e a obra poética foi explorada na aula. Mais tarde, a cargo do Teatro Maria Matos foi apresentada, no auditório do Colégio, a peça baseada nesta obra. Foi então dado o mote para mais uma parte da nossa história que apenas avança quando todos aprovam o resultado.

Estes “meninutos”, meninos que escrevem como adultos, terão a sua obra concluída no final de Maio. Nessa altura, partilhá-la-ão, orgulhosamente, com os pais e comunidade escolar no Dia da Escola.

Serão, certamente, crianças escritoras com espírito crítico onde a noção de cooperativismo se sentirá a cada letra grafada no papel.

Este projeto de escrita tem sido uma experiência muito interessante. O facto de ser em grupo torna-a mais enriquecedora.

Leonor Cintra 4.ºA

Estou a gostar do trabalho inspirado na obra *A verdadeira história da Alice* de Rita Taborda Duarte porque é um bom exercício de trabalho em equipa.

Rita Alves 4.ºA

Eu gosto de escrever histórias e acho que sou criativa. É importante escrever histórias coletivas pois, por mais criativos que sejamos, não pensamos o mesmo que os outros e assim podemos entender vários pensamentos.

Sofia Varandas 4.ºA



Já existem três livros com Alice, estamos a criar o quarto. Um projeto de trabalho que une a turma e as suas ideias.

João Castro 4.º A

Dar continuidade à história de um livro da escritora Rita Taborda Duarte é, para além de um prazer, partilhar uma verdadeira aventura e unir a turma em torno de um objetivo comum.

Filipa Hilário 4.º A

Este trabalho está a unir-nos muito e a ajudar-nos na concentração e criatividade.

Salvador Silva 4.º A

Na minha opinião, este projeto com a escritora Rita Taborda Duarte foi uma grande ideia porque é um projeto que ajuda a ter mais imaginação.

Gonçalo Cruzeiro 4.º A

Uma experiência inesquecível... conhecê-la e escrever com ela está a ser muito bom! A Rita Taborda Duarte, ou melhor, a Alice ensinou-me que nem tudo tem de ser levado a sério. Este livro é como se fosse uma lição. Se tivesse que descrever este projeto numa só palavra, esta seria: FANTÁSTICO!

Matilde Monteiro 4.º A

Esta história coletiva puxa pela nossa imaginação e concentração, mas não custa. E, provavelmente, até faremos uma bela apresentação. O livro da Alice faz-nos pensar muito e então os trocadilhos... nem se fala!

Vera Paixão 4.º A

A Rita Taborda Duarte tem uma escrita criativa, divertida e “acriançada”. Este projeto está a fazer-nos perceber que todos temos uma forma de escrita diferente.

Sofia Alvarez 4.º A

Eu acho que este projeto de fazer um livro une a turma e desafia a criatividade.

Luís Henriques 4.º A



EDUCAR PARA a criatividade e para a escrita

Realizou-se, na semana das línguas, o concurso de ESCRITA CRIATIVA, no 6.º ano. Os alunos receberam o seguinte enunciado:

Concurso de Escrita Criativa

Mónica Silva Professora de Português do 2.º ciclo

É Inverno. São 6 horas da tarde. Está escuro, faz frio e chove ... muito. Uma mulher jovem e bonita, parada no meio do passeio, protegida apenas pela gabardina que traz vestida, chora. O rímel escuro escorre-lhe pelo rosto e o cabelo, liso e comprido, cola-se à testa, à boca, ao pescoço.

Desces essa rua debaixo do teu guarda-chuva e passas por ela.

Proposta:

Descreve o que imaginaste, pensaste, sentiste ao ver esta mulher. Imaginaste o que se teria passado com ela?

Conta a história que criaste na tua cabeça depois de passares por essa mulher.

1.º LUGAR Imaginação fértil

São seis horas e um minuto da tarde. Está muito frio. O meu casaco longo de malha bege não protege o calor do meu corpo.

Há um minuto passei por uma mulher. Uma mulher que deitava chuva pelos olhos. Foi possível constatar que o seu rímel não era à prova de água como aquele que vi na loja da Dior. Este escorria-lhe e cobria-lhe as olheiras roxas que ocupavam grande parte da superfície inferior à dos seus olhos azul-esverdeados, que não contrastavam com a paisagem daquele grande parque, apenas iluminado pelos candeeiros que a Junta de Freguesia tivera mandado afixar há anos.

Certamente que algo de mau se tinha passado com ela.

Há uns anos, a minha família disse-me que eu tinha uma imaginação fértil. E agora era a altura perfeita para a pôr a trabalhar.

Imagino que terá acontecido algum drama familiar com o seu marido. Mas ela não tinha aliança... Por isso não era casada. Ou então era um daqueles dramas que não tinham uma boa solução. Apenas o divórcio...

Também pode ter falecido alguém que ela admirava profundamente. Mas não sei... O mundo dos adultos é estranho! Nós, crianças, não o compreendemos. Para além do óbvio, que sabemos sobre os problemas daquele mundo bizarro, há mais mil e uma coisas que desconhecemos.

Terá ela sido despedida? Ou terá incendiado a casa? Ou ainda pior! Sente-se perdida na vida? Mas não pode ser a última situação, pois para al-

guém se sentir perdido na vida é necessário que algo tivesse acontecido. E para isso teríamos de perceber e saber exatamente o que era.

Podia simplesmente perguntar-lhe, mas com certeza já ia longe!

A minha certeza estava errada. Avistei-a parada a uns dez metros de mim. As suas lágrimas negras misturadas com a água da chuva que preenchia as suas «Hunter» azuis eram cada vez mais. Não me pareceu a altura certa para a interromper da sua nuvem imaginária que se erguia por baixo das nuvens cinzentas, estas reais.

Continuei então a andar pela rua fora quando oiço alguém a chapinhar nas poças. Era a própria senhora. A senhora que há dois minutos chorava desalmadamente. Uma pessoa estranha e invulgar preencheria os meus pensamentos nos últimos cinco minutos. Isso é muito bizarro! Tal como o mundo dos adultos!

Escusado será dizer que o rímel tivera sido limpo (pela própria, presumo), e que já só havia vestígios de um décimo do que penso que ela tivera colocado antes de sair de casa.

Ainda mais escusado será afirmar de que isto foi tudo uma imaginação inocente, pois a mulher continuava parada a deixar que os seus olhos dessem chuva. Foi simplesmente a minha imaginação fértil a trabalhar, mas tenho de ter cuidado com isso, porque ter uma imaginação fértil não resolve os problemas dos outros, tanto que a mulher continuava a preencher as suas olheiras de negro.

Inês Paixão 6.º A

3.º LUGAR

Amigos de Verdade

Era um dia igual a todos os outros, eu acabei as aulas e voltei para casa; o normal. Hoje era um dia particularmente escuro e às seis da tarde já não se via ninguém na rua. Como chovia bastante, eu tinha o meu chapéu de chuva e estava gelada.

Foi então que passei por um can-deiro que se acendia e apagava freneticamente. Encostada a este estava uma linda mulher, nunca a tinha visto antes, mas fiquei intrigada. Ela chorava e chorava, e assim que a avistei, o meu primeiro instinto disse-me que deveria ir ajudá-la, mas acabei por desistir quando reparei no estado de desespero em que aquela jovem se encontrava.

A minha primeira ideia foi a seguinte: com certeza foi um desgosto amoroso... afinal é isso que acontece nos filmes. Depois achei que ela estava perdida nesta cidade tão grande, mas a sua tristeza e aflição era mesmo profunda. Com alguma reflexão cheguei a uma conclusão bastante óbvia, de certo foi traída por um amigo verdadeiro.

Ao longo da minha curta vida descobri que quem tem mais poder sobre nós são os nossos amigos mais antigos. Isto porque julgamos que não podemos viver sem eles, se eles desaparecem das nossas vidas, nós desaparecemos a seguir. O pior caso é quando chegamos à conclusão de que o amor acabou; é agonizante saber que amamos alguém e que não nos amam de volta. Sei por experiência própria que isto dói. Então não desejo esse mal a ninguém, nem mesmo aos amigos que me traíram a mim.

Se aquela senhora um dia ler isto, queria deixar bem claro que um desgosto como aquele, do qual falei, não se cura nunca, desejo-lhe muito sorte para o superar. Digo-lhe também que se deveria agarrar aos amigos que tem, como se eles fossem a sua vida! Afinal parece que são mesmo.

Catarina Silva 6.º C

2.º LUGAR

Quando estava a passar por aquela linda mas misteriosa mulher, senti que esta me tinha feito ficar muito abalado.

Ela tinha um rosto bonito que fazia qualquer homem ficar espantado de tanta beleza. Estava muito bem arranjada com todo o tipo de maquilhagem. Os seus sapatos vermelhos eram de salto-alto, pareciam gotas de sangue a escorrer lentamente para o chão. O seu vestido era preto como os corvos da floresta e também era aberto atrás, desde o pescoço até ao fim das costas. As unhas dela estavam pintadas de um vermelho quase rosa, uma cor pouco comum.

Quando parei de comentar para mim mesmo a sua beleza inexplicável, fiquei menos abalado e lembrei-me de que já tinha visto esta senhora antes. Ela estava acompanhada de um homem de fato e gravata que intimidava qualquer pessoa com menor altura que ele. Percebi naquele momento que esta mulher tinha sido traída pelo homem porque a cara dela emanava um sentimento de traição.

De repente, eu corri ruas e ruas para trás, de forma a tentar encontrá-la, e ao fim de quinze minutos de gritos e correrias encontrei-a a atravessar a passadeira. Com um simples gesto beijei-a na boca. Naqueles segundos, senti amor e vi rosas na minha mente, mas passado algum tempo senti a dor de uma chapada na cara vinda da mulher.

Eu sabia que o que eu tinha feito era uma loucura e não sei porque o fiz, mas valeu a pena. Até porque eu sabia que um dia ia voltar a vê-la...

Diogo Cortesão 6.º D

MENÇÃO HONROSA

Uma mulher desgraçada

Certa tarde de inverno, chovia torrencialmente. O céu estava negro como carvão e estava muito frio. Saí da casa duma amiga minha, pois tínhamos de completar um trabalho de Educação Musical. Vesti um impermeável e fiz-me à rua com um guarda-chuva. Tinha de ir apanhar o autocarro porque ia a casa dos meus avós jantar. Desci a rua num caminhar moderado e com cuidado para não escorregar ou pôr o pé na poça.

As ruas estavam desertas, todas elas repletas de água, nem por lá passavam carros. Pensava ser a única a andar por ali à chuva. De súbito reparei numa mulher que estava parada no meio do passeio. Vestia apenas uma gabardine e chorava imenso. Era uma jovem lindíssima. Não fui ter com ela para perguntar porque estava a chorar, pois estava com pressa. Cheguei à paragem e entrei no autocarro. O autocarro estava vazio. Sentei-me na penúltima fila do lado esquerdo, no lugar junto à janela. E o autocarro partiu.

Durante a viagem só conseguia pensar na mulher que tinha visto. Na minha cabeça só conseguia imaginar o que se passara com ela. Por ventura roubaram-lhe o guarda-chuva, mas sendo assim, não é motivo para chorar tanto. Possivelmente perdeu um parente próximo, no entanto não parece ser essa a razão. Talvez tivesse sido contratada para fazer um filme em Hollywood, mas no momento em que iria atuar tê-la-iam substituído à última da hora. Acho que não. Ou então o marido pediu divórcio, dizendo-lhe que era demasiado bela para um homem como ele. Quem sabe? Talvez tenha sido tudo junto.

Seja o que for que tivesse acontecido devia estar bastante triste, desiludida e a única coisa que conseguia fazer era chorar e, por isso, estragar a maquilhagem. Enfim. Só espero que ultrapasse seja o que for que tenha acontecido e que as suas lágrimas não inundem a rua da minha amiga com a ajuda da chuva.

Nayir Rajabali 6.º D

EM DESTAQUE

Desenhar: o desafio de assumir uma atitude perante o mundo



Trabalho da aluna
Beatriz Pereira 12.º 4 (curso de Artes Visuais)

“A tarefa essencial do professor é despertar a alegria de trabalhar e de conhecer.”

Albert Einstein



Trabalho do aluno
César Maurício 12.º 4 (curso de Artes Visuais)

A educação artística apresenta uma enorme possibilidade de rompimento com o padrão académico de memorização e repetição de conteúdos, pois permite fomentar a capacidade de “interrogar, de procurar respostas, de descobrir forma e ordem, de repensar, de reestruturar e encontrar novas relações” (Lowenfeld & Brittain, 1977). Ela pode significar a diferença entre um aluno criador, flexível, consciente de si próprio e um aluno sem capacidades para aplicar o que aprendeu e com dificuldades de se relacionar com o seu meio (Gonçalves, 2011).

Na disciplina de **Desenho**, no **Curso de Artes Visuais** do Ensino Secundário, os alunos estão constantemente a ser desafiados. **A partir destes desafios, precisam de refletir, de resolver problemas, tomar decisões e de agir.** Acima de tudo, o desenho não é apenas aptidão de expressão ou área de investigação nos mecanismos de percepção, de figuração, ou de interpretação; é também forma de reagir, é atitude perante o mundo que se pretende atenta, exigente, construtiva e liderante.

Neste contexto, apresentamos nesta edição da Gazeta Valsassina alguns trabalhos e testemunhos de alunos do 10.º, 11.º e 12.º ano do Curso de Artes Visuais, sob a orientação da professora **Sofia Caranova.**



Trabalho da aluna
Beatriz Neto 12.º 4
(curso de Artes Visuais)



Trabalho da aluna
Rita Marques 12.º 4
(curso de Artes Visuais)

Crescer através de novos desafios

Quando decidi inscrever-me no curso de artes visuais no 11.º ano, mesmo sabendo que vinha de um ensino completamente diferente e que nunca tinha tido uma aula “a sério” de Desenho, pensei que iria precisar de um longo período de tempo para conseguir acompanhar as minhas colegas que já tinham tido um ano de Desenho e como tal estavam muito mais avançadas.

Esta tese, que entretanto se tinha gravado na minha mente, foi completamente erradicada nos primeiros dias de aulas. Devido à receção excepcional por parte das minhas colegas, bem como da professora de Desenho a minha inserção na turma foi bastante rápida. Através de desafios lançados pela professora fui obrigada a sair da minha zona de conforto, o que me fez superar muitas das minhas inseguranças na disciplina. Os desafios propostos tiveram e ainda tem um grande papel neste percurso, pois é quando nos desafiamos a fazer algo que nos parece impossível que aprendemos e notamos uma melhoria substancial. Para além de tudo aquilo que já foi referido e importante lou-



var a disponibilidade para esclarecer qualquer tipo de dúvida relacionado com o trabalho proposto e o constante incentivo por parte da professora e da turma.

Na minha experiência todas estas características, no Curso de Artes Visuais no Colégio Valsassina permitem que o aluno cresça não só como pessoa mas também como artista.

Mariana Neves 11.º 4 (Curso de Artes Visuais)

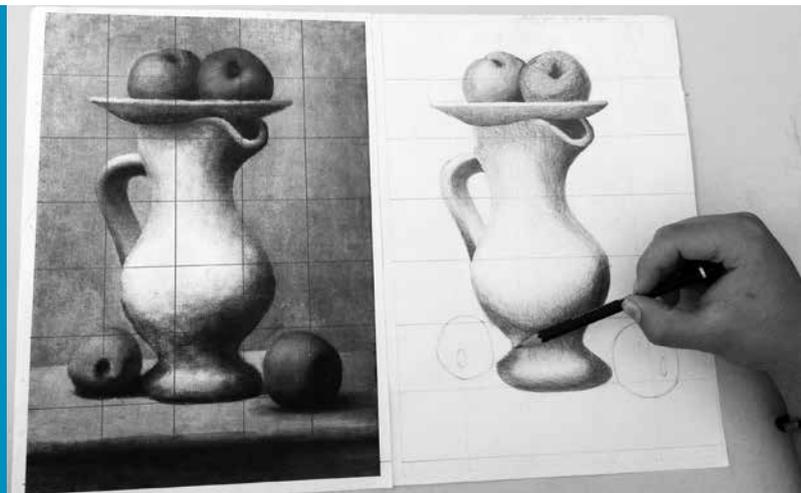
Entrei este ano no Colégio Valsassina, para o agrupamento de artes, como sempre quis. Na minha “escola antiga”, nunca deram muito valor às artes, e eu era um dos poucos alunos da minha turma interessados nessa área. Tudo começou no meu 5º ano, onde comecei a desenvolver um gosto especial pelas artes devido à minha professora de EVT, e desde então nunca mudei de ideia, “No 10.º ano, irei seguir artes.”

Aprendi muita coisa com essa minha professora de EVT, e confesso que noutra ambiente, vejo que as bases que me foram dadas são muito importantes. **Aprendi que o Desenho é crucial para o ser humano, e mais importante, pode ser ensinado.**

Atualmente nas aulas de Desenho A, aplico algumas coisas que já me tinham sido ensinadas e aprendo coisas novas todas as aulas.

Sem dúvida alguma que estou a adorar esta experiência e não me arrependo de nenhuma escolha que fiz até hoje no que toca às Artes.

João Alves 10.º 4 (curso de Artes Visuais)



Trabalho do aluno **João Alves 10.º 4** (curso de Artes Visuais)



Trabalho da aluna **Leonor Saraiva 11.º 4** (curso de Artes Visuais)

Investigar nas Ciências Sociais

Projetos de investigação nas turmas de Ciências Sócioeconómicas e de Línguas e Humanidades

Patrícia Avões Professora de Geografia

“When done right, science provides the most secure basis for knowledge. It is free of self-interest and politics; it is a purified seeking of the truth, not tethered to how its results may be interpreted and used; it is the key to solving problems and to making social and technological progress”

(Home, 2009)

Segundo Fortin (2003) a investigação científica é um processo que permite resolver problemas ligados ao conhecimento de fenómenos do mundo real, no qual vivemos, pelo que ao investigar não entramos apenas num contínuo processo de aprendizagem e enriquecimento pessoal, mas também exploramos a importância do tema em estudo para o desenvolvimento das pessoas, das organizações e das sociedades.

A investigação é muitas vezes descrita como quantitativa ou qualitativa (cada uma com a sua terminologia, métodos e técnicas). Ao longo do tempo, grande parte da investigação foi baseada na tradição quantitativa.

Para Bell (2004) os investigadores quantitativos recolhem os factos que podem ser expressos numericamente e estudam a relação entre eles, enquanto que os investigadores qualitativos estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo (compreensão, em vez de análise estatística).

Neste sentido, os estudos em Ciências Sociais e Humanas, que se revestem, muitas vezes, de um carácter qualitativo, são atualmente muito mais frequentes.

Por esta razão, procurou-se que, os alunos dos cursos de Ciências Sócioeconómicas e de Línguas e Humanidades, do Colégio Valsassina, passassem também a desenvolver um projeto de investigação, com o objetivo de chegarem a conclusões sobre uma temática que considerem importante, através da definição de objetivos e da realização de estudos que procurem responder à questão investigativa que colocam.

Mais do que conhecerem as regras de formatação e conceção de escrita científica a que devem obedecer, de modo a permitir que este processo seja claro, sistemático e que possa ser replicável (Tuckman 2000), **é fundamental que os alunos reflitam sobre o mundo que os rodeia e sobre as realidades em que podem intervir e contribuir para operar mudanças.**

Pela primeira vez no nosso percurso escolar, foi-nos proposta a realização de um projeto de investigação sobre um tema à nossa escolha, que tinha que ser ligado às ciências sociais.

Foi-nos pedido que elaborássemos um relatório acerca do tema que escolhemos. Nesse relatório, tivemos que integrar uma questão-problema, que seria como que a base de todo o trabalho. Fizemos também uma revisão de literatura sobre o assunto, para termos uma noção dos estudos já feitos anteriormente e da opinião de alguns investigadores sobre o assunto. Por fim, depois de termos andado “no terreno” a estudar o tema e a recolher informações, tivemos que juntar ao relatório os resultados da investigação e as conclusões que é possível retirar do trabalho.

O projeto da nossa autoria tem como tema “Os impactos da Re-food Alvalade no combate à fome”. A Re-food é uma organização não governamental que junta alimentos já confeccionados para serem posteriormente distribuídos por famílias que deles precisam. Este trabalho teve como objetivo final perceber o que é que aconteceria se mais instituições participassem no movimento da Re-food, como é que isto poderia acontecer e qual é o papel das escolas no combate à fome, aliadas ao movimento da Re-food.

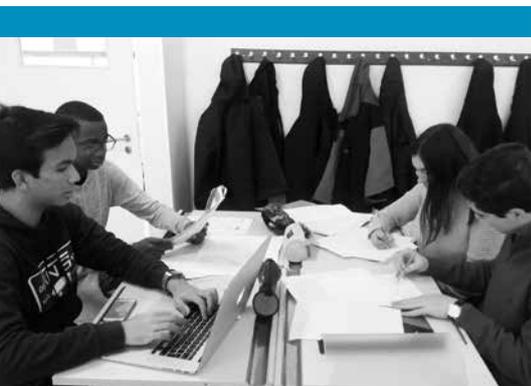
Bibliografia

- Bell, J. (2004). Como realizar um projecto de investigação (3ª edição). Lisboa: Gradiva.
- Fortin, M. (2003). O processo de investigação: Da concepção à realização (3ª edição). Loures: Lusociência.
- Howe, K. R. (2009). Positivist dogmas, rhetoric, and the education science question. *Educational Researcher*, 38(6), 428-440.
- Tuckman, B. (2000). *Manual de investigação em educação*, pp. 17-19. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Deslocámo-nos à Re-food para uma entrevista, com a responsável da Re-food Alvalade, de modo a obtermos mais informações sobre o núcleo, o projeto e os participantes. Serão, igualmente, feitas entrevistas a uma amostra de restaurantes que não contribuem para este movimento de modo a percebermos porque não o fazem e como se pode inverter esta situação.

Do nosso ponto de vista, este é um trabalho que traz muitos benefícios à nossa formação, uma vez que ao longo do nosso percurso universitário, e até nos nossos futuros empregos, podem-nos ser propostos vários projetos deste tipo, pelo que é vantajoso começarmos desde cedo a realizá-los. Por outro lado, também nos sensibiliza sobre assuntos que talvez não conheçamos bem.

João Centeno, Miguel Seoane, Teresa Cabral (10.º 2) e Mafalda Lopes (10.º 3)



Foi há cinco meses que a turma de economia e humanidades do 10º ano foi desafiada pela professora Patrícia Avões a desenvolver projetos de investigação, inovadores e interessantes. O nosso grupo, lembrou-se de trabalhar um tema bastante atual que é a eficiência energética. Associado a este tema apareceu o problema que é o esqueleto do trabalho: a fraca independência energética portuguesa. Sendo assim, o grupo decidiu fazer um trabalho de investigação sobre estes aspetos aplicados a uma vertente industrial.

O projeto consiste em fazer um levantamento no tecido industrial português, de uma indústria que utilize energias renováveis e as use no processo de fabrico, ou seja, uma fábrica independente, ou parcialmente independente, energeticamente. Depois, pretendemos analisar o modelo energético da fábrica e tentar perceber se pode ser adaptado a outras indústrias.

Do ponto de vista pessoal e profissional, o projeto de investigação traz consigo muitas mais-valias. Em primeiro lugar, **quebra com a ideia de trabalho escola-casa, uma vez que é necessário "sair à rua" para falar, descobrir e investigar.** Segundo, no caso particular dos projetos de economia/humanidades, todos os alunos ficarão com uma percepção sócio-económica da sociedade, ou mesmo do país, independentemente da área do projeto. Terceiro, a nível curricular, um trabalho de investigação enriquece, em muito, não só a nossa experiência, mas também o currículo de cada um.

João Afonso Fernandes, Madalena Costa, Rodrigo Sá (10.º 2) e Danilo Magalhães (10.º 3)



A desigualdade de género é um problema que afeta a economia, a política, a sociedade, mas que também nos afeta no nosso dia-a-dia e, por esse motivo, decidimos realizar o projeto de investigação, no âmbito da disciplina de Geografia, sobre este tema das Ciências Sociais.

A pergunta à qual pretendemos responder é a seguinte: Qual a perceção dos jovens, do ensino secundário do Colégio Valsassina, relativamente à desigualdade de género?

Para tal, iremos aplicar um questionário, de forma anónima, baseado no "Gender Bia Quiz" realizado pela Common Wealth of Learning, COL, a alunos do 10º ano e do 12º ano, pois, após a análise e o tratamento dos dados, queremos averiguar se as respostas obtidas, pelos alunos em início de um ciclo e pelos alunos no final desse mesmo ciclo, são muito dispersas.

Com este projeto pretendemos aferir se os jovens alunos do colégio têm noção do papel da mulher e do homem na sociedade, uma vez que estes vão ser os próximos a entrar no mundo do trabalho e é crucial estarmos cientes e prontos a combater adversidades como a desigualdade de género.

Carolina Sobral, Patrícia Marques (10.º 3), Edmar Santos, Jinghan Dai e Soraia Silva (10.º 2)

EDUCAR PARA a Cidadania

Programa Parlamento dos Jovens



“... incentivar a reflexão e o debate...”

O programa Parlamento dos Jovens é uma iniciativa da Assembleia da República que tem como objetivos principais educar para a cidadania, estimulando o gosto pela participação cívica e política; **incentivar a reflexão e o debate democrático**, o respeito pela diversidade de opiniões e pelas regras de formação das decisões; e **estimular as capacidades de expressão e argumentação na defesa das ideias**, com respeito pelos valores da tolerância e da formação da vontade da maioria.

No ano letivo 2016/17, o tema para o Ensino Secundário é “40 anos de Constituição da República Portuguesa e do Poder Autárquico. A Constituição que temos, a que queremos – desafios do poder local”.

Na primeira fase o tema foi discutido na escola, através de debates e reflexões realizadas pelos alunos, nas aulas de Ed. para a Cidadania.

Neste contexto, no dia 16 de janeiro, realizou-se uma sessão e debate com a Deputada **Isabel Alves Moreira**, que contou com a presença das turmas do 10.º, 11.º e 12.º ano.

No dia 14 de março, decorreu a 2ª fase, a nível distrital. O Colégio Valsassina foi representado pelas alunas deputadas, **Constança Gomes** e **Luísa Santos**, da turma 10.º 3, que apresentaram publicamente um Projeto de Recomendação, o qual foi alvo de uma discussão e votação em plenário.

Entrevista com a Deputada Isabel Moreira

Entrevista realizada por João Centeno, Miguel Florêncio e Teresa Cabral, 10.º2, sob a orientação da professora de Português, Patrícia Rodrigues

Porque é que decidiu estudar Direito Constitucional e não outro tipo de Direito?

Por gosto. Logo no primeiro ano de faculdade tive Direito Constitucional e senti que era a minha vocação. Portanto, como em todas as áreas, uma pessoa sente um apelo, uma vocação. É a minha paixão desde o início do curso de Direito.

De que forma é que ser filha de um ex-ministro de Salazar afetou a sua maneira de pensar e de que forma condicionou a sua escolha política?

Não teve nada que ver com os cargos que o meu pai ocupou, porque depois disso também foi Presidente do CDS. Penso que o meu interesse pela política foi influenciado por ele na campanha de 1987 porque eu tinha 11 anos e, portanto, vivia muito intensamente. Foi uma campanha célebre porque na altura houve uma moção de censura feita pelo PRD que levou a que os portugueses desajassem a estabilidade política.

Interessei-me muito e muito cedo pelo processo político e segui fisicamente a campanha eleitoral indo de carro a comícios no Porto, em Trás-os-Montes, por

aí fora. Ele influenciou-me como os pais influenciam os filhos. Apesar de ele ser uma pessoa que segue a doutrina social da igreja e a democracia cristã e eu ser uma socialista, há, evidentemente, preocupações comuns que se relacionam com o combate à pobreza, a defesa de que o Estado tem uma responsabilidade moral, entre outras.

Debatia muito com o seu pai quando era mais nova?

Sempre tivemos uma relação muito aberta de diálogo e de conversa.

Aconteceu tudo naturalmente, como consequência de eu ser, em seis filhos, a única que se interessou por política e que seguiu a vida política. É uma área que o apaixona e a mim também. Ele é, talvez, o meu maior confidente nessa área, para além das outras que seria sempre porque é, sem dúvida nenhuma, o homem da minha vida

Muito do seu trabalho baseia-se nos problemas sociais e nos Direitos Humanos. Tem noção se houve algum momento da sua vida que a tenha levado a interessar-se por estes assuntos e a lutar por eles?

Absolutamente. Foi o momento em que, ainda bem antes da aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo, duas mulheres tentaram casar, foi-lhes negado e elas recorreram do ato para tribunal. Depois foi-lhes negado e recorreram para tribunal constitucional. Eu, na altura, dava aulas na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e fui uma das docentes, uma das juristas que deram parecer pro bônus, isto é, sem honorários, para ajudá-las no caso. Não conseguimos uma decisão no sentido do Tribunal Constitucional declarar inconstitucional a impossibilidade de pessoas do mesmo sexo casar mas conseguimos alguns votos. Já foi um passo, naquela altura e, portanto, esse momento foi uma espécie de clique para essa luta que terminou a 8 de janeiro de 2010 com a aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Ainda relativo aos Direitos Humanos, acredita que o que os direitos humanos defendem é uma utopia?

Não. Aliás, a palavra utopia é das palavras que menos gosto quando olho para as palavras que constam do dicionário. Acho que quando nós designamos uma luta nossa como uma utopia, é meio caminho andado para fracassarmos porque as utopias tornam-se rapidamente em atopias. Os Direitos Humanos são uma luta constante, permanente, mas não são utopias. São é uma luta permanente e de vigilância. Já conquistámos muito, quando olhamos para o nosso país. Mas, também, falta fazer muito. Devemos ter, penso eu, como humanistas, uma perspetiva internacionalista dos Direitos Humanos e por isso é que são Direito Humanos e não direitos apenas fundamentais das pessoas que estão aqui dentro das nossas fronteiras. E então olhando para o globo, claramente falta muito, muito por fazer e acho que devemos ter essa perspetiva, a perspetiva de que aquela pessoa a quem estão a ser negados direitos básicos que, aliás, para nós já são tidos como básicos, é uma pessoa como nós, é um “tu”. Nunca ver ninguém a quem é subtraído um direito humano como alguém longínquo.

Para quem defende os direitos humanos seria prefeito alcançá-los, contudo não considera que esse objetivo nunca será cem por cento completo e que faltará sempre algo para se fazer?

Claro, não acredito num mundo de direitos humanos acabado, no ponto zero, da não violação destes mesmos. Acho que neste momento estamos numa época histórica particularmente preocupante. Vivemos numa altura de enorme incerteza, com o que se passa quer na europa, quer na resposta que a europa está a dar em relação à crise dos migrantes, quer

com os conflitos armados em África, quer com o que se passa nos Estados Unidos da América que é completamente imprevisível após as eleições de Donald Trump, quer com a Rússia. Por isto tudo estamos a viver numa altura particularmente incerta e preocupante do ponto de vista dos direitos humanos, o que poderá levar inclusive a um retrocesso.

Através de uma entrevista que deu ao jornal Público em 2012, sabemos que o filósofo Immanuel Kant marcou muito a sua forma de pensar. Gostaríamos de lhe perguntar como interpreta a frase de Kant “O Homem nada é além daquilo que a educação faz dele”.

Para mim a frase de Kant que mais me marca é a de que “devemos usar os Homens como um fim em si mesmo e nunca como um meio”, essa é a grande moral kantiana que me tem guiado ao longo da vida. Relativamente a essa frase não há duvida que a educação influencia quem nós somos, mas existem muitos outros fatores que também nos influenciam, pois o Homem não é apenas o fruto do que foi a sua educação.

Relativamente às eleições americanas, onde Donald Trump ganhou, queríamos perguntar se concorda com o sistema eleitoral americano e se o considera, por exemplo, menos justo que o português.

Não concordo em absoluto com o sistema eleitoral americano, é um sistema que ainda está ancorado na própria formação dos Estados Unidos da América, portanto um pouco na defesa de cada estado devido a toda a situação problemática que foi o seu nascimento. Hoje, acho que não faz o menor dos sentidos. Devia ser garantida a proporcionalidade nesse sistema, para evitar que fosse possível um/uma presidente ser eleito com menos 3 milhões de votos, que o outro candidato.

O nosso sistema parece-me um sistema justo, que pessoalmente gosto muito, pois permite que, apesar de tornar difícil maiorias absolutas e portanto tornar difícil a estabilidade governativa, as várias sensibilidades político-sociais presentes no nosso país tenham representação parlamentar, que é o contrário que acontece no Reino Unido, onde aí graças ao seu sistema eleitoral maioritário está garantida a estabilidade, mas depois na verdade se nós vivêssemos com um sistemas desse, provavelmente, o CDS, o Bloco de Esquerda, o PCP não tinham representação parlamentar. Prefiro que se lute pela estabilidade e ao mesmo tempo ter um parlamento que espalha a diversidade de ideias e pontos de vista que está presente na sociedade portuguesa. Portanto, sou uma defensora acérrima do sistema eleitoral português.

EDUCAR PARA a resolução de problemas no dia-a-dia

(Re)pensar matemática no curso de Línguas e Humanidades

Sílvia Lopes Professora de Matemática

O curso de Línguas e Humanidades do ensino secundário tem como um dos principais objetivos munir os alunos de saberes que lhes permitam aprofundar o desenvolvimento da competência comunicativa. Neste sentido, a Matemática Aplicada às Ciências Sociais surge como uma disciplina que pretende desafiar os alunos a dar um novo sentido a esta ciência, possibilitando-lhes por exemplo o desenvolvimento da capacidade de comunicação de ideias matemáticas relacionadas com o seu dia-a-dia. Os alunos são convidados a formular e resolver matematicamente problemas que os aproximem de situações reais. Através das ferramentas matemáticas que vão adquirindo ficam habilitados a comunicar num mundo onde constantemente é necessário interpretar e analisar informação, retirar conclusões e refletir sobre as suas implicações no contexto dado.

Mas como desafiar estes alunos a serem os principais agentes da sua aprendizagem? Como poderão dar aplicabilidade ao que estão a aprender?

Além de se procurar que os alunos dominem questões essencialmente técnicas, nesta disciplina pretende-se também que se envolvam em experiências matemáticas significativas que lhes permitam saber apreciar devidamente a importância das abordagens matemáticas nas suas futuras atividades (Programa de Matemática Aplicada às Ciências Sociais, 2001).

Assim, quando na primeira metade do segundo período a turma do 10.º3 explorou o capítulo de Estatística Univariada, foi-lhe proposta a elaboração de um projeto estatístico, onde pudessem, em grupo, investigar um tema do seu interesse e onde as suas amostras aleatórias fossem constituídas pelos próprios colegas do colégio. Os temas escolhidos e discutidos pelos alunos foram: o tabagismo nos jovens, as atividades extra-curriculares e o uso de smartphones.

À data desta edição, os alunos discutiram o objeto de estudo estatístico a tratar, e aplicaram os questionários que lhes permitiram a recolha e tratamento dos dados.

Ficamos à espera das conclusões dos nossos alunos!



Apesar de ser matemática aplicada às ciências sociais continua a ser matemática e por isso temos que continuar a construir um raciocínio, faculdade crucial ao desenvolvimento do conhecimento. Enquanto cidadã considero uma disciplina bastante útil pois estudamos temas que se podem aplicar em situações do dia-a-dia.

Patrícia Marques 10.º 3

É uma disciplina muito importante, na medida em que a partir da matéria estudada, podemos relacionar com temas da sociedade atual, o que nos faz ter uma posição mais ativa em relação à mesma.

Diogo Tavares 10.º 3



EDUCAR PARA a criatividade e resolução de desafios



“É uma forma divertida de aprender, sem darmos conta que estamos a aprender.”

“Eu gostei porque pudemos partilhar as nossas ideias com os outros e conhecermo-nos melhor.”

“Eu gosto das aulas de projeto, pois é uma maneira mais divertida de aprender e podemos trocar opiniões com outras pessoas.”

“Este género de trabalhos de grupo é uma maneira interessante de dar a matéria. Aprendemos pesquisando.”

“Eu gosto destas aulas práticas, visto que é uma maneira de consolidarmos melhor a matéria aprendida e é uma forma mais divertida de aprender.”

“As aulas práticas são úteis porque eu gosto de trabalhar em grupo e aprendo bastante a ouvir sobre o tema.”

“Acho que as aulas práticas são importantes, pois ajudam-nos a “ver a matéria” de outra maneira. Também contribuem para desenvolver a nossa relação com a turma, pois por vezes temos que trabalhar com pessoas com quem não nos damos tanto e aprendemos a ouvi-las e a chegar a um consenso.”

Projeto: Célula 3D

Isabel Pacheco Professora de Ciências Naturais e de Biologia

O Trabalho de Projeto pretende ajudar à formação do aluno que aprende, na prática, a interrogar-se, a orientar o seu trabalho, a levar a cabo uma tarefa, a assumir as suas responsabilidades. É, ao mesmo tempo, treino de diálogo, de compreensão mútua, de cooperação e de educação para a sociabilidade.

O Trabalho de Projeto é uma metodologia centrada na resolução de problemas. Na disciplina de Ciências Naturais, os alunos de 8.º ano foram confrontados com a seguinte questão: “Todos os seres vivos são constituídos por células, mas será que todas as células são iguais?” Estava assim lançado o desafio para o Projeto “Célula 3D”.

Durante as aulas práticas, os alunos elaboraram modelos tridimensionais de células procarióticas e eucarióticas animais e vegetais. Os modelos foram construídos com diferentes materiais, dando-se preferência a materiais de desperdício. Cada grupo de alunos, para além do seu modelo, elaborou igualmente um pequeno texto de apoio sobre a célula e os organelos em estudo.

Os projetos desenvolvidos desenrolaram-se de acordo com as seguintes etapas: apresentação do tema a desenvolver, formação dos grupos de trabalho, recolha de informação em diversas fontes, troca de ideias e seleção de material, construção dos modelos, apresentação dos trabalhos e avaliação.

Partilhamos alguns testemunhos dos alunos do 8.º C sobre o seu envolvimento em trabalho de projeto:

“Os trabalhos práticos realizados na disciplina de Ciências Naturais são bastantes importantes para a nossa aprendizagem. A cada trabalho realizado aprendemos mais e melhor, pois temos que fazer pesquisas, temos que partilhar opiniões e respeitar as opiniões dos outros.”

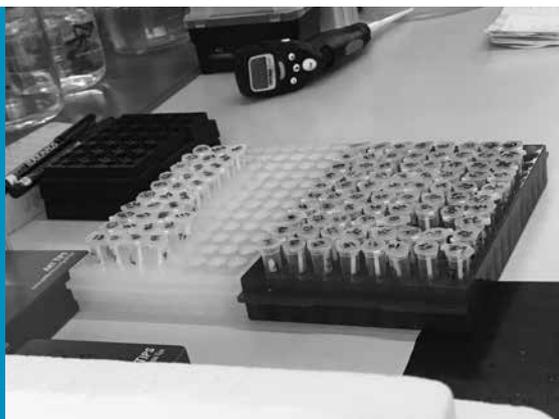
“Os trabalhos práticos são fundamentais para discutir ideias e opiniões, algo que normalmente não faço, pois gosto de manter as minhas ideias e métodos. Por outro lado, estes trabalhos são uma maneira de adquirir novos conhecimentos e aprendizagens de forma mais autónoma, mas também mais divertida e original.”



O trabalho prático e a investigação experimental no ensino das ciências constitui um recurso único para a aprendizagem do conhecimento e dos processos científicos, para o desenvolvimento de importantes ferramentas e capacidades cognitivas e para o aumento da motivação dos alunos.

Fazer ciência através da realização de uma investigação científica permite, ou deve permitir, que os alunos compreendam as inter-relações entre diversos tipos de aprendizagem (Hodson, 1996). Possibilita, por um lado, a compreensão conceptual do que está ser estudado ou investigado e, por outro, do conhecimento processual associado às relações entre observação, experiência e teoria. Além disso, fazer ciência potencia a competência investigativa dos alunos (Ferreira, 2014).

Apresentamos de seguida dois exemplos de projetos desenvolvidos por alunos da turma 11.º 1A, na disciplina de **Biologia e Geologia**.



Genotipagem dos grupos sanguíneos ABO por PCR-RFLP numa amostra de 100 alunos do Colégio Valsassina

O objetivo desta investigação prende-se com a genotipagem dos grupos sanguíneos ABO por PCR-RFLP numa amostra de 100 alunos do Colégio Valsassina com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos, de forma a determinar o genótipo mais frequente. A questão inicial a que nos propomos a responder é “Qual a percentagem de cada um dos alelos do gene ABO numa amostra de 100 alunos do Colégio Valsassina?”

As metodologias a aplicar consistirão na colheita de células da mucosa bucal e na consequente extração do DNA; na amplificação por PCR (Polymerase Chain Reaction) dos fragmentos dos exões 6 e 7 do gene ABO; na realização de um ensaio de restrição enzimática RFLP (Restriction Fragment Length Polymorphism); e na análise dos fragmentos por eletroforese em gel de agarose a 2%.

De acordo com a bibliografia consultada, espera-se que, na amostra em estudo, a frequência do grupo A seja superior, seguindo-se dos grupos O e B, sendo o grupo AB é o mais raro.

Catarina Gameiro, Francisca Lopes e Maria Carreira 11.º 1A



Caracterização farmacognóstica da planta *Zanthoxylum zanthoxyloides* através de técnicas micromorfológicas e histoquímicas e através do estudo fitoquímico preliminar

O projeto consiste na investigação da planta *Zanthoxylum zanthoxyloides* para determinar quais de seus extratos químicos podem ser utilizados para fins terapêuticos.

Para a realização do projeto, utilizaremos diferentes técnicas laboratoriais como a micromorfologia, a histoquímica e a fitoquímica preliminar. A micromorfologia é a análise microscópica dos constituintes celulares; a histoquímica recorre à utilização de corantes ou à técnica de fluorescência para colorir os produtos químicos da planta, possibilitando a sua identificação; e a fitoquímica é o estudo dos metabólitos da planta e a determinação da sua atividade antimicrobiana.

Catarina Morgado, Margarida Rios e Rafael Nóbrega 11.º 1A



Entrevista com o Professor e Investigador João Lin Yun

Entrevista realizada por **Carolina Gomes e Maria Carreira 11.º 1A**

João Lin Yun é professor e investigador na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. É doutorado em Astronomia e Física pela Universidade de Boston. A sua área de especialização e Investigação é a formação de estrelas e o meio intel-estelar. Entre os cargos ocupados ao longo do seu percurso, regista-se a função de membro fundador do Centro de Astronomia e Astrofísica da Universidade de Lisboa e a função de diretor do Observatório de Astronomia de Lisboa (de 2002 a 2006).

(Maria): Para muitos estudantes do ensino secundário a Astrobiologia é uma ciência desconhecida. O que nos pode dizer sobre esta área e o seu objeto de estudo?

A Astrobiologia é uma disciplina recente. Como o nome indica é o resultado do cruzamento entre a Astrofísica e a Biologia. São, efetivamente, duas disciplinas que antes não se cruzavam. Recentemente, com a descoberta de planetas extrassolares, a Astrobiologia passou a ter um objeto de estudo.

(Carolina): Considera que a descoberta de vida extraterrestre iria funcionar como um elo de ligação para a Humanidade ou o efeito contrário?

É uma pergunta muito interessante. Acho que ninguém sabe qual seria a reação da Humanidade perante uma coisa dessas. Por um lado, eu creio que, para muita gente, seria muito agradável saber que podemos comunicar com outras formas de vida inteligentes. Por outro lado, há sempre a possível reação de medo, portanto é sempre um pouco inesperado. Eu penso que seria bom, para não pensarmos que somos únicos, ou mais importantes. Temos a “mania” que sim, achamos que somos superiores a outros animais e por aí a fora...quando na realidade não é bem verdade.

(Maria): Nós estamos envolvidos num projeto, que é o CanSat, e o nosso objetivo é recolher dados atmosféricos e ver quais são os planetas que apresentam condições para o desenvolvimento de vida e para isso nós vamos estudar várias plantas, mais apropriadas para criar uma atmosfera propícia à vida humana. Até que ponto é que acha que este pode ser um objetivo exequível?

Isso é muito biológico e eu não tenho conhecimentos de Biologia suficientes, mas diria que plantas que sejam mais resistentes a determinadas condições, que aguentem, por exemplo, pouca água,

enfim que não tenham grandes exigências de recursos e que consigam sobreviver num ambiente mais hostil, com pouca radiação solar e com uma atmosfera muito reduzida.

(Maria): Nós lemos que escreveu vários livros, entre os quais Como Arrefecer o Planeta que são livros que apesar de serem de divulgação científica também têm uma componente didática e até ficcional. Qual é a importância, para si, de incluir esses componentes? Sempre achei que, ao contrário de que muita gente pensa, a ciência não deve estar separada do resto, a ciência deve ser humanizada. No fundo é feita por seres humanos e ainda “não entrou na cabeça de todos”. Um extraterrestre vê isso claramente e certamente se espantaria com a forma como tratamos os recursos e como não damos conta que estamos a danificar a nossa “nave espacial” sem termos outra para onde ir.

(Carolina): Nomeadamente no seu livro Como Arrefecer o Planeta fala das alterações climáticas e como é que acha que o governo português enfrenta problema ou que atitude é que tem o aquecimento global?

As alterações climáticas são um problema global. É algo que não pode ser resolvido individualmente. Antigamente ainda se podia dizer “vamos fechar as luzes” ou “comprar lâmpadas de baixo consumo”, tudo isto continua a ser importante, mas já não resolvem um problema que se agravou bastante. As pessoas não se dão conta, mas estamos a alterar muito, não é pouco, a composição química da atmosfera e isso traduz-se, para já, em fenómenos extremos, seja de calor ou de frio, em inundações, em secas e em furacões cada vez mais intensos e frequentes. Enfim, eu tenho esperança, porque a esperança é a última a morrer, que ainda consigamos impedir os piores cenários, mas a janela de oportunidades está a fechar-se.

EDUCAR PARA a sustentabilidade e para a cidadania

Arregaçar as mangas, sujar as mãos e resolver problemas em prol de um mundo melhor

Andreia Luz Professora de Ciências Naturais e Coordenadora Eco-Escolas

O **Programa Eco-Escolas** pretende ser um contributo metodológico para uma educação ambiental participada e esclarecida. Está orientado para a aplicação de conceitos e ideias de educação e gestão ambiental à vida quotidiana da escola. As ações concretas desenvolvidas pelos alunos e por toda a comunidade educativa proporcionar-lhes-ão a tomada de consciência que simples atitudes individuais podem, no seu conjunto, melhorar o ambiente global. Aos estudantes é-lhes dirigido o desafio de se habituarem a participar nos processos de decisão e de tomarem consciência da importância do ambiente no dia-a-dia da sua vida pessoal, familiar e comunitária (Gomes, 2004; Santos, 1997).

Uma das muitas iniciativas onde os alunos têm a oportunidade de fazer a ponte entre o conhecimento e a natureza é nas saídas de campo à Serra de Sintra, no âmbito do projeto desenvolvido em parceria com a Cascais Natura, projeto Oxigénio, promovido por esta entidade. Através deste, o Colégio Valsassina é responsável, desde 2009, por um talhão com cerca de meio hectare. Uma árvore por

aluno é a base de um projeto que surge no âmbito do posicionamento estratégico (responsabilidade social/ambiental) do Colégio Valsassina como forma de contribuir para a compensação das emissões anuais de carbono associadas a algumas atividades. Mais do que plantar, pretende-se que os alunos se comprometam a cuidar das árvores por um determinado período de tempo, uma vez que estes acompanham o desenvolvimentos e evolução das zonas intervencionadas, quer através de visitas de estudo, quer através da comunicação no Colégio através do Conselho Eco-Escolas onde é feito o balanço trimestral das “eco – atividades”.

Para além, da procura de tomada de consciência pelo mundo que os rodeia, do seu lugar na conservação e manutenção dos ecossistemas, assim como a tomada de consciência do seu papel na natureza como ator e motor de uma mudança positiva, pretende-se ativar, estimular os sentidos dos alunos. Aprender ao ar livre é fundamental para um desenvolvimento integral e crucial para motivar e levá-los a questionar e compreender o meio envolvente.



“Quando olhei para a Serra de Sintra pensei como é que seria possível plantar mais algo numa serra tão viva e tão completa? Rapidamente percebi! Muitas das magníficas plantas ali existentes estavam fora do seu habitat, eram invasoras! Na realidade, até impediam as espécies da região de crescerem e bloqueavam o ecossistema (...).”

Inês Félix 7.º B

“Quando plantámos as árvores foi giro, descobri um lado de mim que nunca antes tinha descoberto. E quando arranquei as acácias diverti-me mesmo a ajudar a natureza. Esta saída de campo serviu para aprendermos mais sobre nós e sobre a natureza, a passarmos um bom tempo com os novos amigos e a ajudarmos a melhorar o mundo.”

Jorge Fernandes 7.º B



“A saída de campo à Serra de Sintra foi uma experiência fantástica onde podemos ser «agricultores» e ajudar o nosso mundo a ter mais oxigénio para viver. (...) Tinha receio que pudesse ser uma seca mas no final não se falava de outra coisa. Entre uns a plantar e outros a arrancar acácias contribuímos para manter a biodiversidade naquele local.”

Henrique Martins 7.º B

“... Peace is not an
Absence of War.”



«Is there a secret to a long and healthy friendship? Simply this – respect. Too many falter on stubbornness or the determination to hold on to offence. Successful relationships moderately rely on humility and the recognition of human fallibility. These are not merely useful attributes. They are at the heart and soul of a true friendship.»

Marta Inocêncio (11.º 2) on Friendship

«In conclusion, peace is not the absence of war just as locking someone in a cell for a long time is not going to treat their addiction.

By the end of this speech, I hope that I have made you think and criticize certain laws that you think should be changed, like the option of treatment for imprisoned drug addicts in order to improve our society and make the world a better place.»

Joana Reis (11.º2) on Imprisonment without rehabilitation of citizens who are drug addict.

No dia 23 de fevereiro decorreu mais uma Competição de Public Speaking no Colégio Valsassina.

Houve 8 oradores de 11.º ano que proferiram os seus discursos sob o tema *Peace is not an Absence of War*. Esta frase é da autoria do filósofo seiscentista, Espinoza.

Os oradores foram: **Margarida Rodrigues**, Maria Carreira e **Francisca Lopes** do 11.º 1A; **Marta Inocêncio, Guilherme Barroca** e **Joana Reis** do 11.º 2; **Guilherme Almeida** e **André Santos** do 11.º 1B.

Os oradores exploraram o tema abordando assuntos muito diversos; relações humanas, igualdade de géneros, trabalho infantil, a concentração da informação e do entretenimento em enormes consórcios empresariais, a guerra e o porte de armas nos USA, o amor como energia transformadora, adições e sistema legal, assim como, refugiados e discriminação.

O Júri foi constituído pela Vice-Diretora Pedagógica, Dra. Maria Alda, pelas professoras, Patrícia Mendes, Paula Gonçalves, Marta Arrais, Mafalda Braz, Ana Teresa Moutinho e pelos alunos de 12º ano que foram os vencedores do ano passado: Carine Shu, Patrícia Almeida e Diogo Ferrão.

A audiência era composta por alunos de 10º e de 11º ano. Foi uma sessão muito viva. O júri referiu a grande qualidade dos discursos.

Os trabalhos que recolheram uma maior classificação da parte do júri foram os dos alunos: **Maria Carreira** (11.º 1A); **Margarida Rodrigues** (11.º 1A) e **Francisca Lopes** (11.º 1A).

No dia 26 de março estas alunas apresentaram os seus discursos no "National Public Speaking Competition 2017", que se realizou nas instalações do British Council, em Lisboa. As alunas **Maria Carreira** e **Margarida Rodrigues** ficaram classificadas entre os 10 melhores participantes.

Apresentamos alguns excertos dos trabalhos apresentados, onde se pode constatar a qualidade dos textos e a diversidade de abordagens ao tema.

“Vegetables, tobacco, fruits, clothes, technological devices! Most of you have certainly needed to buy one or more of these items recently. Which was the first thing you looked for to choose the goods you bought? Would I be wrong if I said it was the price?

Have you ever wondered why similar products often have such distinct prices? If they have the same quality level, at least one thing must have changed: the cost of labour. So, I ask: are you aware that some of the clothes you have in your closet may have been made by children? That some of the fruit and vegetables you eat may have been harvested by young kids? [...] In fact, according to the UNICEF, there were 150 million children worldwide engaged in child labour in 2016. They work in factories, like those that produce trainers for famous international brands; they work on the streets, washing car windows; they work in the fields; and, worse of all, they work in some of the most off-screen places, such as diamond mines in South Africa or cobalt mines in the Democratic Republic of Congo. *However, people all over the world choose to ignore this.*”

André Santos 11.º 1B

EDUCAR PARA a leitura e escrita

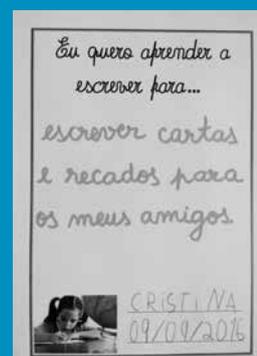
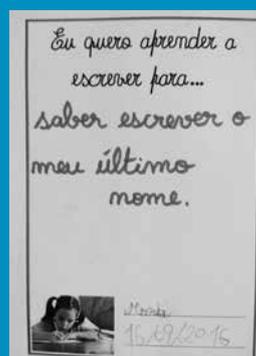
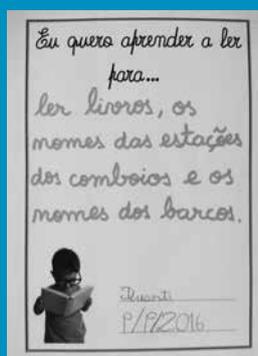
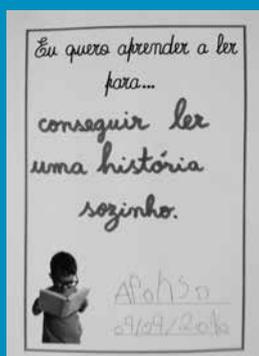
Iniciação à leitura e à escrita Propostas de escrita no 1.º ano

Mariana Marques, Tânia Figueiredo, Diana Antunes Professores do 1.º ano do 1.º ciclo
Madalena Alves Coordenadora do 1.º ciclo

Na entrada para o 1.º ano o processo de iniciação à leitura e à escrita é o mais esperado por alunos, pais e familiares. Para que esse processo complexo, e por vezes moroso, decorra da forma mais tranquila possível, é importante que tenhamos em conta alguns aspetos.

Desde cedo as crianças reparam que as pessoas à sua volta leem e escrevem, tal como cozinham, guiam e fazem tantas outras coisas. Mas é no momento em que dão utilidade a essa competência que sentem vontade de aprender a fazê-lo sozinhas: querem ser eles a fazer um bolo para a mãe ou a escrever um postal aos avós, por exemplo. Nos primeiros dias de aulas questionamos os alunos sobre as razões que os motivavam para essa aprendizagem.

Registos "Eu quero aprender a ler para..." e "Eu quero aprender a escrever para..."



Esta atividade foi importante sobretudo para as crianças que ainda não tinham noção do que poderiam fazer autonomamente enquanto leitores e escritores, pois ouviram imensas ideias dos colegas e, possivelmente, identificaram-se com algumas.

Assegurada a motivação, há que gerir o tempo, nomeadamente junto dos alunos que esperam aprender a ler e escrever na primeira semana de aulas. Incentivar que escrevam o que sabem ou como pensam que se escreve, bem como que tentem ler o que está escrito à sua volta, permite-nos identificar os níveis de conhecimento em que se encontram.

Pelas suas vivências sociais anteriores as crianças podem perspetivar a escrita sob ângulos distintos. Quase todas já compreenderam que a escrita codifica a fala e, à medida que vão aprendendo os sons das letras, começam a escrever espontaneamente, num esforço grande de fazer corresponder os sons da fala (sílabas) aos sons das letras que conhecem: "AO" - pato. Desanimam quando percebem que não deve

ser assim, porque afinal o seu nome só tem duas ou três sílabas e escreve-se com muitas mais letras. Só a consciência dos sons mínimos da fala (consciência fonémica) e o conhecimento das regras ortográficas, permitirão ler e escrever corretamente. No Jardim de Infância são desenvolvidas muitas atividades de consciência fonémica, mas há que continuar, pois fornece às crianças elementos que as levam a refletir no momento de grafar as palavras orais, e possibilita a autoavaliação de erros fonológicos.

Por se tratar de uma aprendizagem multifacetada, procuramos adequar, diversificar e diferenciar o nosso trabalho. Não podemos deixar os alunos desmotivar quando compreendem a sua complexidade, nem permitir que percam de vista o seu grande objetivo: comunicar. Uma palavra escrita com erros, é um excelente ponto de partida para uma reflexão, até ser compreendido o erro e a forma de o corrigir. Avaliando a relação custo-benefício, trabalhamos alguns erros e deixamos outros para

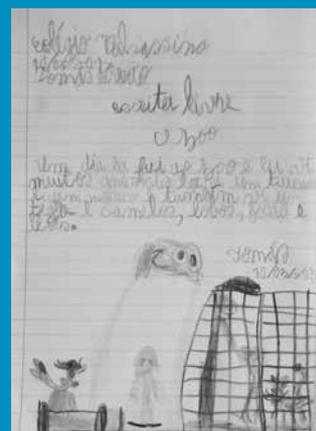
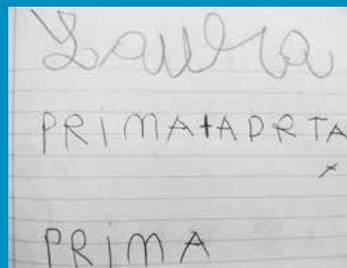
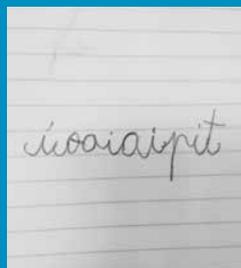
mais tarde, é impossível aprender tudo ao mesmo tempo. Mas começamos sempre por valorizar o conteúdo da mensagem que a criança nos apresenta.

A escrita a pares, é uma atividade que envolve os alunos num trabalho de conceção e concretização extremamente enriquecedor. Há que chegar a consenso sobre o que escrever e como escrever. É muitas vezes na conversa que têm enquanto executam a tarefa, que os alunos explicitam as suas ideias sobre a forma como se escreve corretamente uma palavra, e ao serem confrontados com ideias diferentes da sua, são obrigadas a pensar.

Desenvolvemos o nosso trabalho pedagógico a partir de experiências significativas e, num ambiente estruturado, securizante e confiante, "(...) incentivamos iniciativas, desdramatizamos os insucessos e valorizamos os avanços." (Santana, 2003). Procuramos evitar comparações entre colegas, que muitas vezes acrescentam ansiedade e frustração aos alunos. Afinal, não aprendemos todos ao mesmo ritmo, nem da mesma forma, e os pais e familiares da criança seguramente também o compreendem.

Ao longo do 1.º ano planificamos atividades e preparamos materiais que fomentem a aquisição de conhecimentos na área da linguagem escrita e o gosto por esta forma de comunicar. São algumas dessas propostas desenvolvidas até agora, que aqui deixamos.

Na rotina "Lê, mostra e conta", os alunos por vezes apresentam palavras, frases e pequenos textos que escrevem individualmente (com ou sem ajuda) ou a pares, por iniciativa própria, nos seus cadernos de escrita livre. Nestes cadernos podem escrever o que quiserem: garatujas, letras, palavras ou textos, acompanhados ou não por desenhos ou fotografias.



Das garatujas aos textos

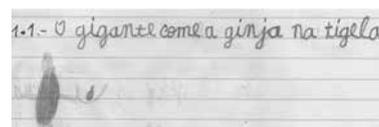
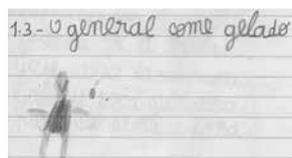
A exploração feita pela professora, adequa-se ao nível em que os alunos se encontram. Se são letras, apenas, pergunta o que querem dizer com o que escreveram, para que compreendam que a escrita codifica mensagens, não é apenas uma atividade gráfica. Se há uma tentativa clara de escrita, escreve em baixo ou ao lado dessas palavras, para que possam comparar a forma convencional de escrever com a sua própria escrita. Se percebe que os alunos já querem escrever um texto, pergunta-lhes o que pretendem comunicar, para que vão percebendo que o pensamento do que se vai comunicar é anterior à escrita.



Da produção escrita à apresentação.



Durante a aprendizagem do caso de leitura "ge" e "gi", a turma legendou, em conjunto, imagens em que estavam presentes elementos com nomes contendo estes sons. Em seguida, solicitou-se aos alunos que, individualmente, escrevessem frases com algumas dessas palavras ou com outras em que esses sons estivessem presentes.



Escrita de frases a partir da legendagem de imagens com "ge" e "gi".

EDUCAR PARA
a qualidade
e excelência

Colégio Valsassina é um dos dois colégios onde os alunos progridem sempre mais do que no resto do país

Notícia publicada no Jornal Público de 17 de dezembro de 2016

“... conseguem sempre melhorar em relação ao seu próprio desempenho no final do ciclo anterior tanto nos resultados do 2.º e 3.º ciclos como nos do secundário.”



Os alunos dos colégios Luso-Francês, no Porto, e **Valsassina**, em Lisboa, **conseguem aprender mais do que a média dos restantes colegas do país, independentemente do ciclo de estudos que frequentem**. Estes são os únicos dois estabelecimentos de ensino que estão em destaque tanto no secundário como no 2.º e 3.º ciclos no indicador que mede os progressos no nível de conhecimento dos estudantes à entrada e à saída de cada nível de ensino.

O “indicador da progressão dos resultados dos alunos” – é esse o seu nome completo – compara os resultados que os alunos de cada escola tiveram nos exames nacionais de Português e Matemática no final do ciclo (6.º, 9.º e 11.º/12.º ano) com o final do ciclo imediatamente anterior (4.º, 6.º e 9.º ano, respetivamente). Por exemplo, quando um aluno passa de um resultado abaixo da média no 9.º ano para um resultado acima da média no 12.º, considera-se que teve uma “progressão positiva”.

É isso que acontece em todos os níveis de ensino com os alunos dos colégios Luso-Francês e **Valsassina**. Estes conseguem sempre melhorar em relação ao seu próprio desempenho no final do ciclo anterior tanto nos resultados do 2.º e 3.º ciclos como nos do secundário. Parte deste sucesso prende-se com a possibilidade de os alunos se manterem sempre dentro da mesma escola “dos 3 aos 17 anos”. São essas condições de estabilidade que permitem ter estes indicadores muito positivos.

No caso do 2.º ciclo, por ser a primeira vez que este indicador é publicado, são apenas contabilizados os exames de 2016. No caso do 9.º ano, são tidos em conta os últimos dois anos letivos. Para o ensino secundário, o indicador baseia-se nos anos letivos 2012/13 a 2015/16.

Adaptado de Jornal Público, 17 de dezembro de 2016

“... acontece em todos os níveis de ensino...”

Em dezembro de 2016 foram divulgados os rankings das escolas, relativos aos exames nacionais realizados no ano letivo 2015/16. No ensino secundário, o Colégio Valsassina esteve mais uma vez em destaque, mantendo-se entre as 10 melhores escolas do país.

Quadro de Honra 1.º P, 2016/2017

Do quadro de honra fazem parte os alunos que, no final de cada período, apresentem excelentes resultados escolares (média de 5 no ensino básico e de 17 valores no ensino secundário), quer no domínio curricular quer no domínio dos complementos curriculares. Devem apresentar também um bom comportamento.

Número	Nome	Turma
5º ANO		
4814	Carolina Paiva Nunes Pereira Gomes	5º A
5963	Raissa Karim Gulamhussen Rajabali	5º A
4807	Maria Madalena Brisson Lopes das Neves Nunes	5º B
4828	Ana Francisca de Sá Vilarça Venâncio Martins	5º B
5946	Inês Fonseca Esteves Braz	5º B
4750	Leonor Meireles da Cunha Guerra	5º C
5461	Sara Alice Dias Pastor Pinheiro	5º C
6º ANO		
4560	Madalena Patrocínio Carneiro Leitão Santos	6º A
4585	Inês Maria Rosado Paixão	6º A
5054	Pedro Nuno Guerreiro Machado	6º A
4523	Beatriz Mateus Jansen	6º B
4607	Guilherme Lourenço Moutinho Andrade Neves Moreira	6º B
4682	Simão dos Santos Rodrigues da Silva	6º B
4824	Tiago Cachadinha Alves da Silva	6º C
5136	Catarina Sofia Paiva e Silva	6º C
5720	Jessica Alexandra Gomes Nunes	6º D
5756	Mafalda Gonçalves Carreira Gomes de Pinho	6º D
7º ANO		
4330	Maria Saldanha Campelo de Almeida	7º A
4401	Rafael Gueifão Cruz	7º A
4370	Joana Alves Pereira de Ferreira Monteiro	7º A
4400	Catarina Henriques Botelho Severino Alves	7º A
4425	Margarida de Amarante Pamplona Santos Leite	7º A
4431	Gonçalo Carreira Corte-Real de Oliveira Abreu	7º A
4808	Inês Pereira Poiães Mourinho Félix	7º B
5194	Inês Madeira de Almeida Ribeiro	7º C
5517	Maria Madalena Marques Pires de Carvalho Pastilha	7º D
5614	Miguel Velho Cabral da Rocha Henriques	7º D
5615	Susana Wu Wang	7º D
5701	Rita Veloso Simões	7º D
8º ANO		
4234	Duarte Rebelo de São José	8º A
4556	Vera Godinho Ferraz Leal	8º A
4584	Maria Inês Dias Portela Caldeira	8º A
4670	Inês Maria dos Santos Rodrigues da Silva	8º A
5195	Inês Lourenço Galvão	8º A
5040	Afonso Vaz dos Santos	8º C
5941	Guilherme Pinto Martins Candeias	8º C
5420	Maria Joana Facha Loureiro de Brito	8º D
9º ANO		
4013	Ana Sofia Torre Amaral	9º B
4115	Joana Bugalho Mah Alves da Silva	9º B
5312	Mariana de Andrade Lages Alves da Fonseca	9º B
4018	Catarina Ribeiro Luís Marques	9º C
5314	Leonor Monteiro Grillo Paim	9º C
6016	Fábio Moraes Studart	9º D

EDUCAR PARA
a qualidade
e excelência

Número	Nome	Turma
10º ANO		
3887	Catarina Ferreira Vicente Silva Nunes	10º 1A
3892	Duarte Tomás Cardoso Rézio Martins	10º 1A
4387	Maria Laura Cortez Mota	10º 1A
5822	Berke Duarte dos Santos	10º 1A
4256	Diogo Oliveira Marques Adegas	10º 1B
5092	Sofia Maria Duarte Ferrão	10º 1B
5148	Afonso Brito Caiado Correia Alemão	10º 1B
5656	Giovanna Navarro Miotto	10º 1B
4266	João Pedro Morgado Centeno	10º 2
4382	Miguel de Vasconcelos Florêncio	10º 2
5079	Teresa Santos Costa Cabral	10º 2
5131	Maria Leonor Miguel Neto	10º 2
5152	João Afonso Nobre da Costa Fernandes	10º 2
4213	Patrícia Teixeira Belo Marques	10º 3
11º ANO		
3697	Beatriz Pinto Correia Cardoso e Cunha	11º 1A
3703	Carolina Viegas Dias Gomes	11º 1A
4291	Francisco Henriques Botelho S. Alves	11º 1A
4970	Afonso Morgado Mota	11º 1A
5633	Bernardo José Soares Alves	11º 1A
5858	Margarida Emília Pita Rios	11º 1A
5872	Maria Ribeiro Vicente Perfeito Carreira	11º 1A
3788	Miguel Pinto Correia Cardoso e Cunha	11º 1B
4273	Guilherme Metelo Rita de Almeida	11º 1B
5606	Mariana Calado Franco	11º 1B
5864	André Girbal de Jesus Rebelo dos Santos	11º 1B
5015	Guilherme Moreira Borges Fernandes Barroca	11º 2
12º ANO		
3579	Joana Lima Grilo Fernandes da Silva	12º 1A
3869	Ana Machado Luís	12º 1A
3937	Joana dos Santos Nobre da Costa	12º 1A
3939	João Marques Pereira Nicolau	12º 1A
3946	Rita Teixeira Henriques de Miranda	12º 1A
4702	Beatriz da Cruz G. Rodrigues Gaspar	12º 1A
4706	Catarina Castro Gaspar Cortesão Correia	12º 1A
4777	Miguel Costa Reis Cunha Neto	12º 1A
3944	Miguel Maria S. C. de Magalhães Crespo	12º 1B
4696	Ana Rita Landeiro Filipe de Sousa	12º 1B
4771	Diogo Manuel Duarte Ferrão	12º 1B
4793	Manuel Santos Costa Cabral	12º 1B
5613	João Miguel Martins Barros Luís	12º 1B
3928	Ana Rita Domingos Reis Pereira	12º 2
4690	Inês Alves Matias	12º 2
5052	Carine Shu	12º 2
4712	Cláudia Sofia Rosário Calado	12º 3
3580	Rita Ribeiro Luís Marques	12º 4
4844	Ana Beatriz Miguel Neto	12º 4
4845	Beatriz Nogueira Gonçalves Pereira	12º 4



Do meu ponto de vista, as apresentações feitas pelos pais fizeram-nos conhecer novos livros que nós poderíamos ler, desde “O Colégio das quatro Torres” aos “Capitães da areia”, pois cada um de nós tem gostos diferentes. Estas apresentações também nos fizeram perceber melhor o que é que os nossos pais faziam quando tinham a nossa idade e que tipos de livros gostavam de ler nos tempos livres. Penso, também, que estas apresentações nos motivaram mais a ler e que nos ajudaram a perceber que tipos de livros nós gostávamos de ler. Deram-nos a conhecer imensas histórias e bastante diferentes.

Leonor 5.º C



A Semana das Línguas decorreu entre 23 e 29 de janeiro, com atividades muito variadas que a tornam uma autêntica festa, em que a Língua portuguesa convive com a inglesa, espanhola e francesa, exemplificando aquilo que valorizamos como multilinguismo cultural.

Nesta semana, procurámos transmitir, de forma divertida, sem deixar de ser pedagógica, que a aprendizagem das línguas nos torna melhores cidadãos, conscientes deste património imaterial, multilinguístico e multicultural. Foram várias as atividades realizadas, envolvendo alunos de todos os ciclos de ensino, entre as quais destacamos:

- Escrita criativa, 6.º e 8.º ano
- O desafio das línguas (Português; Francês; Inglês e Espanhol), 7.º ano
- How fast can you do it?, Inglês, 5º ano
- Achas que sabes gramática, Português, 9.º ano
- Quién es quién? Qui est-ce?, Francês, 9.º ano
- Recital de poesia, 8.º, 10.º ano

Filhos convidaram os pais a apresentar “O livro da minha infância”

No âmbito da semana das línguas estiveram presentes, nas salas de aula do 5º ano, pais, mães, tios, padrastos.

Com entusiasmo e alegria, todos contaram aos filhos a história de um livro que os marcou durante a sua infância.

Semana das Línguas: Inglês no Jardim de Infância

Ao longo da semana, as professoras de Inglês desenvolveram atividades relacionadas com o *reconto de histórias/ story telling* como forma de desenvolver a oralidade e alargar o vocabulário.

Nos grupos de 3 anos, a história foi contada e os alunos fizeram “*Finger Puppets*” alusivos às personagens mais importantes.

Nos grupos dos 4 anos realizou-se a atividade: “*What’s next?*” em que as crianças anteciparam o final da história através de ilustrações e os alunos dos 5 anos recontaram as histórias, “*Retell a story*”, com desenhos dando asas à sua imaginação.

Semana das Línguas: Inglês no 1º ciclo

Nas turmas do 1º ano, os alunos participaram na atividade: “*Mini show and Tell*” sobre os temas da Alimentação e da Família.

No 2.º ano realizou-se o jogo “*Catch a fly*” como forma de explorar o vocabulário.

Os alunos do 3.º ano participaram no concurso “*Busy Bees*” e foram premiados por um júri aqueles que melhor soletraram palavras em inglês.

Nas aulas do 4.º os alunos participaram em equipas no “*Quizz: Who wants to be an English Expert? – for kids*” sobre questões da língua e da cultura inglesas.

Patrícia Avões Professora de Geografia



Decorreu no Colégio Valsassina, de 20 a 24 de fevereiro, a **Semana da Geografia** que teve como princípio base as dinâmicas associadas aos temas que os diferentes níveis se encontram a trabalhar em sala de aula.

Deste modo, a exposição de Rosas dos Ventos, elaboradas pelos alunos do 7.º ano, esteve patente no átrio do liceu durante toda a semana, e sujeita a votação pelos alunos de outros níveis, tendo-se sagrado vencedor deste concurso o aluno **Alexandre Madeira** (7.º A), cabendo o 2.º lugar ao **Henrique Martins** (7.º B) e o 3.º lugar à **Inês Ribeiro** (7.º C). Estas turmas tiveram ainda a oportunidade de assistir a uma conferência dinamizada pela **Dra. Maria João Rocha** sobre Clima.

O 7.º ano participou, igualmente, num concurso de países e capitais tendo obtido a seguinte classificação:

CLASSIFICAÇÃO	NOME TURMA
1.º Lugar	Madalena Pastilha, Miguel Henrique, Miguel Pinho e Pedro Ferreira (7.º D)
2.º Lugar	Alexandre Madeira, Francisco Marques, Gonçalo Abreu e Maria Almeida (7.º A)
3.º Lugar	Afonso Figueira, Dinis Silva, Inês Ribeiro e João Henriques (7.º C)

As turmas do 8.º ano assistiram a uma apresentação da ex-aluna **Mariana Ávila** que partilhou a sua experiência de voluntariado num campo de refugiados na Sérvia.

O 9.º ano teve a oportunidade de assistir a uma conferência com a **Dra. Luísa Marques** da Amnistia Internacional, que ilustrou o trabalho desta instituição na defesa dos direitos humanos, em especial na dinâmica de refugiados para a Europa.

A animação desta atividade esteve a cargo do Coro Juvenil do Colégio Valsassina, dirigido pela professora Maria João Morais, que apresentou um repertório de hinos nacionais de vários países.

Uma vez mais, o empenho, a dedicação e o entusiasmo dos alunos, aquando da preparação e da realização das atividades, foi a chave para o sucesso das mesmas.



Trabalhos dos alunos do 7.º Ano sobre "Rosa dos Ventos".

Cabo Verde, 2017

Viagem de finalistas 12.º ano

Sábado, 25 de fevereiro de 2017. Cheirinho de euforia misturado com o medo de quem zelava pelos que partiam. À entrada do avião para a Ilha do Sal imperaram risos e sorrisos, gritámos, falámos, cantámos, fomos mandados sentar pelos hospedeiros e olhados de esguelha pelos restantes passageiros.



As 19h30m pareciam uma eternidade para quem não tinha comido a salsicha com a tira de bacon fornecida pela TACV. Chegados ao Sal, adrenalina. Estávamos prontos para tudo! Até para o vento, fiel companheiro que nunca durante essa semana nos abandonou. *Pé na tchon* no *Belorizonte Oásis Atlântico*, distribuída a pulseira vermelha de acesso ao néctar dos deuses (leia-se, refrigerantes), *bungalows* devidamente repartidos: tudo pronto para dar início a uma semana espetacular! *Olhaaà Explosão!*

Enganam-se aqueles que pensam que o acordar, na primeira manhã, foi incrível, porque tivemos a infeliz notícia de uma reunião às criminosas 9 horas da manhã (que ali equivale a acordar com os galos em Portugal). Porém, bastou pôr o pezinho fora do quarto para perceber que finalmente, após 17 ou 18 anos de viagens, tínhamos chegado a casa. Ah, estar de calções e óculos de sol em fevereiro! Sol, praia, piscina, música em altos berros, comida (muita comida), alta companhia e dores de ouvido — que mais poderíamos querer?

Tivemos duas excursões: uma volta à ilha e uma saída de catamarã. Na primeira tivemos o privilégio de nadar nas salinas, onde nos foi prometido um milhão de euros caso alguém conseguisse tocar no fundo da salina. Depois... a Buracona, uma piscina oceânica, onde vários finalistas necessitaram de assistência médica, devido a uma comunidade maléfica de ouriços do mar.

Sem desfazer na primeira excursão, a segunda mergulhou os finalistas num sono de hora e meia nas redes de um belo catamarã, até parar em frente de “uma das mais belas paisagens que já vimos”, onde o mar saudou com um abraço gelado quem cometeu a proeza de mergulhar do barco.

Quinta-feira: noite de *karaoke* e do tão aguardado *funaná*. Nem as dores de barriga, nem a rouquidão, nos impediram de cantar êxitos musicais portugueses. Não faltou o “Malhão, Malhão” (com as suas devidas alterações), muito Quim Barreiros, Paulo Gonzo, Rui Veloso... Na Casa da Cultura, alguns corajosos, sem medo das consequências intestinais, beberam o seu “Ice Tea” gratuito, relaxados por possuírem *Imodium Rapid* no quarto.

Ali o lema é “No Stress” e todos sabem dançar: os que fazem da dança a sua profissão os seguranças do hotel, os marinheiros... Tudo no povo cabo-verdiano grita animação e diversão. O seu espírito contagiante fez-nos prometer que um dia lá regressaríamos. Mas não foram só as translúcidas águas azul-turquesa, as praias de areia branca, o calor amenizado pelo vento ou as baratas dos *bungalows* que trouxemos no coração. Claro, tudo isto nos marcou: passávamos os dias a tomar banhos: no mar, na piscina, de sol, e a “ensinar” a jogar matrecos ao professorado. Juntámos, à bagagem para Portugal, a inspiração de Cabo Verde, e uma abundância de fotos e vídeos embaraçosos. Foi uma das melhores viagens das nossas vidas.

Maria Cunha 12.º 1A, Maria Inês Gama 12.º 1A, Miguel Neto 12.º 1A, Patrícia Almeida 12.º 3.

EDUCAR PARA a memória



Entrevista com a professora Maria Helena Guimarães

Associação de Antigos Alunos do Colégio Valsassina

Mais uma entrevista, mais uma história para conhecer e recordar. Já falámos com o Sr. Adão, já conseguimos o testemunho de um antigo aluno, o Vasco Uva, e chegou agora o momento de sabermos o que é ser professor no Colégio Valsassina.

Uma professora que dispensa apresentações. A sua pose de dignidade, a sua classe, sempre tão impecavelmente arranjada, não passava despercebida, mesmo aos que nunca a tiveram como professora. A sua voz calma e tão bem colocada, cativava os seus alunos.

Maria Helena Guimarães chegou ao Colégio Valsassina na época em que toda atividade se tinha concentrado na Quinta das Terezinhas e o projeto de expansão idealizado pelos diretores Mário Heitor e Maria Frederica Valsassina Heitor requeria mais professores. Durante várias décadas foi professora e coordenadora de turmas do terceiro ciclo (então chamado Liceu).

A Associação de Antigos Alunos, mantendo o tema da memória, e sempre o valor das pessoas como traço do Valsassina, entrevistou-a passados quase 20 anos de ter deixado a atividade docente.



Funchal,
em 1997

Professora Maria Helena Guimarães, em que ano veio dar aulas para o Colégio Valsassina?
Em 1960.

Como surgiu essa oportunidade? Lembra-se se existiu um concurso? Lembra-se quem conduziu a sua entrevista de emprego? Foi difícil ficar?

Tinha deixado a prática da advocacia e senti-me desanimada por estar em casa.

Conheci o Dr. Henrique Marques, professor de Matemática no Colégio – e que viria a ser meu grande amigo – e, quando me sugeriu a possibilidade de dar aulas no Colégio Valsassina, não hesitei em aceitar. Indicou-me no Valsassina e levou-me até lá.

Não houve concurso.

Quem conduziu a entrevista foi o Diretor e proprietário do Valsassina na altura, o Sr. Mário Heitor, que, no final, me convidou imediatamente para integrar o corpo docente do Colégio.

Criou-se uma grande empatia entre nós. O gosto por viajar e a música eram interesses comuns, o que permitiu uma conversa natural e animada.

O que é que destaca da realidade do Valsassina à época da sua entrada?

Quando cheguei ao Valsassina, as instalações estavam sediadas na Quinta das Teresinhas há pouco tempo. Era um colégio apenas de rapazes, incluindo internato.

Como é que essa realidade evoluiu?

Deixou de ser um colégio apenas de rapazes para passar a ser um colégio misto. E, passado pouco tempo, deixou de ser um internato também.

Falar na Professora Maria Helena Guimarães é para alguns lembrar uma professora de História, para outros de Francês, para outros de Introdução ao Direito e para outros ainda a professora de Introdução ao Desenvolvimento Económico e Social (IDES). Alguma destas disciplinas, tão diversas, tem a sua preferência? Porquê?

Sempre gostei mais de leccionar Introdução ao Direito. Tinha sido a licenciatura que frequentara, e procurava transmitir aos alunos o interesse por essa disciplina (como o tentava com todas as outras, claro).

Como é que viveu a evolução do contexto económico e social de Portugal no Colégio? Que alterações se foram notando no dia-a-dia?

Nos meus primeiros tempos, o Colégio era somente masculino, tendo um internato, com um total a rondar os 500 alunos.

A partir de 1975 – talvez antes – o Colégio perdeu grande parte dos alunos em face das vicissitudes políticas, sociais e económicas do período que se vivia... Outra mudança que se sentiu foi a divisão, digamos, em grupos sociais. Surgiu uma repartição – que não se verificava até então – que veio a causar conflitos e problemas ao Colégio.



Enviada por uma aluna à Dra. M^a Helena com o seguinte comentário "Com um beijinho da Aluna que nunca a esquecerá. Marina Santos".



Baleal, em 1988. Da esquerda para a direita: Dra. Maria Elisa, Maria Antónia (mãe da Dra. Maria Helena), Dra. Maria Helena, Dra. Maria Alda e Dr. Renato.

O Colégio era tão importante para mim que, no dia 25 de abril de 1974, estava tão preocupada com os alunos do internato que me dirigi ao colégio a oferecer os meus préstimos ao Sr. Heitor que, muito grato, referiu que não precisava da ajuda.

Quantos anos é que deu aulas no Colégio?

Cerca de 40 anos.

Ao longo desses anos, gostaria de destacar algum(a) colega, por exemplo que tenha sido uma fonte de inspiração ou de ensinamentos?

Esta é uma pergunta um pouco chata (risos). A Dra. Maria Alda, sim, pelo seu amor pelo Português, pelo seu interesse pelos alunos, e pelo seu carácter. Fomos companheiras de trabalho mais de 30 anos e une-nos uma profunda amizade até ao presente.

Passamos aos seus alunos. O que é que diziam de si? Sabe se tinha alguma alcunha?

Tenho a certeza que não diziam mal de mim, nem mesmo aqueles que levavam um par de estalos de vez em quando (risos).

Por acaso não sei se tinha alguma alcunha.

Quero crer que a maior parte dos alunos gostava de mim. E esse sentimento ia aumentando à medida que o tempo ia passando e que se prolongava a relação professor-aluno.

Na sua opinião, o que é que, de mais importante, os alunos do Valsassina levam consigo?

Levam amigos; levam valores; levam afetos. E levam a confiança de que que podem proporcionar esta experiência aos seus filhos no futuro.

O que é que diferencia o Colégio de outras escolas?

Falar do colégio para mim é fácil, e é difícil ao mesmo tempo. É fácil porque são tantas as recordações que tenho do colégio, que as mesmas saem naturalmente do meu coração. É difícil porque as saudades também são muitas.

E as saudades são muitas porque o Valsassina proporciona, a quem passa por lá, uma segunda casa e uma segunda família. E é essencialmente isto que

o diferencia das outras escolas: é uma casa e uma família onde se procura, mais do que transmitir conhecimento, transmitir valores.

Há algum episódio engraçado/caricato que queira partilhar connosco?

O Colégio tinha comprado uma camioneta nova. O Dr. Frederico pensou ir estreá-la numa viagem a Santiago de Compostela porque a Diretora, Dra. Maria Frederica, tinha feito uma promessa de lá ir. Ao mesmo tempo, o Dr. Frederico proporcionaria uma viagem inesquecível a um conjunto de professores.

Partimos de Lisboa e passado metade do percurso a camioneta avariou. Era um sábado. Teve de se ir à procura de um mecânico. Era sábado, como se algum mecânico houvesse por ali...! Mas lá se encontrou.

Esperamos até que a reparação se fizesse e pusemo-nos em marcha. Passados alguns quilómetros, alguém se lembra que falta um professor: o Dr. Prista. Voltámos para trás, extremamente preocupados. No fim de contas, ele estava no banco de trás da camioneta, a dormir – só tendo acordado quando a camioneta parou novamente!

A viagem demorou tanto tempo, com todas as suas vicissitudes, que só chegámos ao hotel às 3h00 da manhã. Era um hotel fantástico mas que pouco aproveitámos. A missa era logo às 09h00. Mas dado o pouco tempo de sono, só três é que conseguiram estar presentes: a Dra. Maria Frederica, a Dra. Margarida Cabral e eu.

Esta é uma das muitas recordações que levo dos tempos inesquecíveis, e irrepetíveis, que vivi no Colégio. Será sempre com muito entusiasmo, orgulho e saudade que me lembrarei de todos os que tive a oportunidade e o privilégio de conhecer e de me relacionar: diretores, professores, alunos, encarregados de educação e pessoal não docente.

O nosso agradecimento à Dra. Maria Helena por esta partilha. Aos seus netos Joana e Miguel Reis, também eles antigos alunos do Valsassina, agradecemos toda a ajuda e colaboração nesta entrevista. É realmente um privilégio recolher estes testemunhos.

Grupo Coral dos Professores do Colégio Valsassina

Porque é que um grupo de professores se reúne semanalmente para cantar num grupo coral?

Ana Paula Gouveia Professora de Inglês

“... cantar em coro reduz sintomas de depressão e de ansiedade.”

Cada vez mais as empresas e as organizações têm vindo a promover e a apoiar os chamados *coros de empresa*: são corais formados por funcionários e colaboradores dos mais diversos tipos de empresa. O Grupo Coral dos Professores do Colégio Valsassina enquadra-se nesse género de coros. E existem várias vantagens.

No que se refere ao bem-estar pessoal, cantar em coro reduz sintomas de depressão e de ansiedade. Cantar em coro também permite experimentar o sentimento de pertença a algo maior que cada um de nós, o que é muito gratificante. Cantar em Coro permite que ouçamos os outros. As horas de almoço de 4^{as} feiras, em que decorrem os nossos ensaios, são momentos catárticos, de conversa e de humor. Os ensaios decorrem em 2 turnos: 1º turno das 12h45 às 13h30 e 2º turno das 14h às 14h45.

Os nossos ensaios são momentos de autossuperação e oportunidades para trabalhar em equipa. Promove-se o desenvolvimento de técnicas vocais, de colocação de voz e apuramento do ouvido musical. O domínio da voz é uma competência essencial para se ser professor.

Numa abordagem mais específica de aspetos relativos à educação, é sabido que o canto coral promove disciplina, concentração, autossuperação e sentido de equipa. Cantar em Coro aproxima as pessoas que divergem em pensamento, ideologias, e que perseguem diferentes objetivos.

O momento do concerto, por ser a única oportunidade de desempenho, tem de ser perfeito, tem de sair bem à primeira; não oferece possibilidade de voltar atrás. O momento do concerto não é como um texto que se está a escrever que se pode riscar e reescrever; não é como uma palestra ou uma entrevista que estamos a dar em que podemos interromper e explicar o que pretendíamos dizer. No momento do concerto não é possível interromper e começar de novo, o desempenho perfeito só tem uma única oportunidade de acontecer. Se não acontece.... falhou. Peter Handke, escritor

austriaco, em 1972, referia-se a esta oportunidade única como a *angústia do guarda-redes antes do penalty*.

Sentir esta *angústia*, permite-nos compreender o que os nossos alunos sentem quando têm de fazer apresentações orais ou de participar em desafios fora do familiar contexto escolar, como o Public Speaking Competition, ou aqueles outros momentos em que precisam de se expor para que o seu desempenho seja um sucesso.

De certo modo, reger um coro é comparável a coordenar recursos humanos. A nossa maestrina, Vanessa Freitas, é motivadora, criativa e desafiadora. A Vanessa preocupa-se em envolver os seus cantores nas decisões a tomar, não só de escolha de repertório como também nos sugere que façamos pequenos exercícios de composição, melodias estas que serão incorporadas na interpretação da peça musical. Acredita em cada um dos cantores, o que é muito estimulante. SABIONI, 2015; “As competências não-musicais fundamentais para o desenvolvimento do trabalho do regente são (...) sensibilização do conjunto, liderança necessária, atitude positiva, comunicação clara e uso do tempo (...). O regente é o líder de um grupo de pessoas e, por isso, articula questões relativas a processos coletivos de criação artística ...”

Os ensaios do Grupo Coral dos Professores do Colégio Valsassina levam-nos a suspender o trabalho habitual e constituem momentos de desenvolvimento de aptidões e de exercício de capacidades adormecidas. Capacidades estas que acabam por se revelar úteis não só para o trabalho, mas também para melhor vivermos momentos de lazer e de descanso.

ACONTECEU

WORLD TSUNAMI AWARENESS DAY no Colégio Valsassina

Patrícia Avões Professora de Geografia



Por decisão da Assembleia Geral das Nações Unidas assinalou-se, pela primeira vez, no passado dia 5 de novembro de 2016, o “World Tsunami Awareness Day”.

Neste contexto o Colégio Valsassina foi convidado, pela Direção Geral da Educação, a celebrar esta data, de forma a sensibilizar a sociedade civil para a responsabilidade individual e coletiva, em matéria de proteção civil.

Assim, considerando a posição geográfica de Portugal, bem como a ocorrência no passado do Terramoto de 1755 (na sequência do qual a cidade de Lisboa foi devastada em cerca de 40 minutos, com ondas de 15 metros), e por não estarmos imunes aos acontecimentos que ocorrem à nossa volta, os alunos das turmas 10.º 2 e 10.º 3 trabalharam o tema nas aulas de **Geografia** e, posteriormente, dinamizaram uma **Ação de Sensibilização para o Risco de Tsunami** junto dos alunos do 1.º ciclo.

Esta iniciativa revelou-se extremamente interessante e enriquecedora, **quer pela possibilidade de interação entre os alunos dos diferentes níveis de ensino**, que aprendem uns com os outros, numa linguagem simples e próxima, **quer pelos conhecimentos coletivos que se vão construindo** uma vez que possibilita uma apropriação dos conhecimentos mais profunda já que existe um maior envolvimento afetivo dos alunos na aprendizagem.

“Partilhar com os mais novos o que é um tsunami, e como agir em caso de emergência, foi algo bastante positivo, pois foi uma forma de os sensibilizar sobre algo que pode acontecer a qualquer momento e para o qual devem estar preparados. É importante ter este tipo de iniciativas pois as crianças necessitam de adquirir conhecimentos sobre estas situações de forma a estarem prevenidas.” **Carolina Sobral 10.º 3**

“Honestamente, gostei muito de fazer esta apresentação pois os alunos demonstraram muito interesse pelo tema. Colocaram imensas questões e a verdade é que, em geral, já tinham algum conhecimento sobre o assunto.” **Patrícia Marques 10.º 3**

“Na minha opinião a apresentação foi bastante divertida e enriquecedora, pois a interação com as crianças foi muita e o mais interessante é que também elas nos transmitiram os seus conhecimentos. Se pudesse voltava a repetir.” **Mateus Pinto 10.º 2**



“Foi muito interessante poder transmitir algumas noções aos alunos do primeiro ciclo sobre este tema, mas o mais importante de realçar é o interesse que demonstraram, o que fez com que a interação fosse muito boa.”

Ricardo Magro 10.º 2

ACONTECEU



“Vi no percurso de vida do Miguel uma referência, para um possível caminho que eu possa seguir”

Beatriz Neto 12.º4

“O Miguel referiu a importância do programa Erasmus, partilhar experiências com pessoas de outras nacionalidades”

Beatriz Pereira 12.º4

Valsassina recebeu Inspiring Future no dia 2 de fevereiro

A Associação Inspirar o Futuro é uma associação juvenil sem fins lucrativos com o objetivo de desenvolver projetos inovadores na área da educação juvenil. Esta associação foi responsável pela apresentação no Valsassina do Inspiring Future, no dia 2 de fevereiro. Durante este dia, decorreu uma Feira de Universidades que contou com a presença de mais de 40 instituições de ensino superior, onde os alunos (sobretudo os finalistas do 12.º ano) puderam conhecer melhor várias propostas de cursos universitários.

Em simultâneo, decorreram três sessões sobre os temas: Acesso ao Ensino Superior; Study Abroad (sobre estudar no estrangeiro); e “Como sobreviver de salto alto e gravata (dedicada à preparação para o mundo do trabalho).

Todas as informações sobre este projeto estão disponíveis em <http://inspiringfuture.pt/>

Conferência com professor e investigador João Lin Yun

“A espécie humana e a busca de vida no Universo” foi o título de uma conferência que se realizou no passado dia 17 de janeiro com o **professor de Física e investigador da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, João Lin Yun**. A sua área de especialização e Investigação é a formação de estrelas e o meio intel-estelar.

O público alvo foram os alunos das turmas de Ciências e Tecnologias do ensino secundário.

Alunos de Artes do secundário participaram numa sessão com Miguel Munhá, realizador e antigo aluno

No passado mês de janeiro, recebemos um antigo aluno do colégio o Miguel Munhá. Este aluno, foi estudante na Faculdade de Belas Artes (FBAL) na Licenciatura em Arte Multimédia e fez Erasmus no Brasil e Londres, na área de Cinema. Atualmente é Produtor, Realizador da Vagalume Filmes e membro do grupo musical, “Tripé”.

O Miguel veio ao colégio falar do seu percurso universitário e profissional. Os alunos de artes do secundário aproveitaram também este encontro, para esclarecer algumas dúvidas em relação aos cursos universitários da FBAL e as suas saídas profissionais.

Alunos Valsassina são notícia na Visão Júnior

Vários alunos do 2º ciclo estão a participar no concurso “Miúdos a Votos”, da Visão Júnior. Por essa razão, alguns trabalhos foram divulgados no site da Visão. Para acompanhar o projeto consultar: <http://visao.sapo.pt/visaojunior/iniciativasescolas/miudos-a-votos/2017-02-06-O-Colegio-Valsassina-diz-nos-quais-sao-os-livros-mais-fixes>.

No dia 17 de março realizaram-se as eleições do concurso “O livro mais fixe”, da Visão Júnior. Estas determinaram que o livro preferido dos nossos alunos é *O Príncipezinho* de Antoine de Saint-Exupéry.

Dia da Internet Mais Segura

No âmbito do Dia da Internet Mais Segura, que se comemorou a 7 de fevereiro, realizou-se no Auditório uma ação de sensibilização promovida pela **Microsoft** e pela **GNR**. A ação, dinamizada pelo **Eng. Ricardo Henriques** da Microsoft, foi muito proveitosa e permitiu aos alunos recordarem e aprenderem boas práticas para utilizar a Internet em Segurança.



2.º lugar para aluna do Valsassina no Concurso "Crianças a tocar instrumentos musicais"

Na passada terça-feira, dia 7 de fevereiro de 2017, a aluna **Inês Mateus** (6.ºC) recebeu o honroso **2º lugar** no concurso "Crianças a tocar instrumentos musicais".

Esta atividade foi elaborada com o apoio das disciplinas Educação Visual e Educação Musical.

Este concurso foi dinamizado pela Fundação União Musical, onde concorreram seis escolas e mais de quatrocentos alunos. A aluna Inês Mateus ganhou um violino e garante que, para além das aulas de guitarra, brevemente, iniciará aulas de violino.



Palestra com o Engenheiro Paulo Ferrão

"**Energias e Desenvolvimento Sustentável**" foi o tema de uma palestra orientada pelo **Eng. Paulo Ferrão**, Presidente do Conselho Diretivo da Fundação para a Ciência e Tecnologia, e dirigida a alunos do Ensino Secundário do curso de Ciências e Tecnologias.

Esta iniciativa, que se realizou no dia 21 de fevereiro, foi promovida pelos Departamentos de Educação para a Cidadania e Biologia, no âmbito de um projeto de Educação Ambiental e Sustentabilidade, em curso durante o 2º período. O público alvo foram os alunos das turmas de Ciências e Tecnologias do 10.º e 11.º ano.

Palestra "Dados, informação e Conhecimento"

Os alunos do Curso de Ciências Sócioeconómicas e Línguas e Humanidades do 10.º e 11.º ano participaram numa palestra com o **professor Frederico Jesus**, da NOVA IMS – Information Management School. A palestra realizou-se no passado dia 9 de março.

Alunos do Valsassina participaram em concurso de tradução da Universidade Católica

No dia 13 de março, 41 alunos do 11.º e 12.º ano participaram no Concurso Traduzir, da Universidade Católica. Esta iniciativa tem como objetivo valorizar a Tradução e promover o gosto pelas línguas e pela escrita nos jovens do Ensino Secundário.

No Valsassina, esta atividade foi dinamizada pelas disciplinas de Línguas. Consoante os seus gostos os alunos optaram por traduzir textos para Inglês, Espanhol, Francês e Alemão.

Foi mais um desafio às competências linguísticas dos nossos alunos e uma experiência muito enriquecedora.

Sessão sobre "Qualidade do Ar" – Projeto LIFE Index-Air

No dia 23 de março, os alunos do 3.º e 4.º ano participaram numa sessão sobre a importância da Qualidade do Ar. Esta sessão, realizou-se no âmbito do projeto LIFE Index-Air, coordenado pelo Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares (C2TN) do Instituto Superior Técnico, desenvolvido no quadro do programa comunitário LIFE. No Colégio Valsassina, esta ação enquadrou-se no âmbito do projeto ecoValsassina/Eco-Escolas.

Os alunos foram desafiados a assumir o compromisso "o ar é de todos". Este desafio convida os alunos a terem um papel ativo na sociedade, propondo e comprometendo-se com ações rumo a um consumo inteligente, menos emissões e estilos de vida mais saudáveis.



ACONTECEU

Semana da Educação Física 2017

Como forma de estimular a prática do exercício físico decorreu, entre 27 de março e 4 de abril, mais uma Semana da Educação Física. Entre as atividades realizadas, destinadas a alunos de todas as idades, destacamos os torneios inter-turmas de Futebol, Andebol e Basquetebol.

Alunos do Valsassina participam em Olimpíadas da Biologia, Biotecnologia, Economia, Filosofia, Matemática e Português

- No passado dia 25 de janeiro, os alunos do 4.º ano participaram nas **Mini-Olimpíadas da Matemática**, promovidas pela Sociedade Portuguesa de Matemática. Apurados os resultados, temos como vencedores os alunos **João Castro** (4.ºA), **Gabriela Pastilha** (4.ºB), **Madalena Mamede** (4.ºC). Nas **Olimpíadas da Matemática**, os alunos **Madalena Pastilha**, 7.ºD, e **Manuel Cabral**, 12.º1B, foram apurados para a Final Nacional.
- Mais uma vez os alunos do Valsassina foram desafiados a participar nas **Olimpíadas de Biologia**. No dia 12 de janeiro participaram 42 alunos do 11.º1A e 12.º1A (categoria sénior) na primeira eliminatória. Passaram à 2ª eliminatória, que se realizou no passado dia 9 de março, 9 alunos do 12º1A e 13 alunos do 11º1A. Os alunos do 10º ano, participaram na 1ª eliminatória destas Olimpíadas no dia 9 de março. Também para a 1ª eliminatória, no dia 1 de fevereiro, participaram 96 alunos do 9º ano (categoria júnior), tendo passado à 2ª eliminatória 20 alunos, que prestaram provas no dia 22 de março.
- No dia 13 de janeiro realizou-se a primeira eliminatória das **Olimpíadas da Economia**, que contou com a participação das turmas 10.º2, 11.º2 e 12.º2. Foi apurado para a final nacional, que se realizará em abril, o aluno **Rodrigo Sá**, do 10.º2.
- No dia 22 de fevereiro decorreu a primeira eliminatória das **Olimpíadas de Biotecnologia**. A aluna **Ana Luís**, do 12.º 1A ficou classificada em primeira lugar, no Colégio Valsassina.
- No dia 23 de fevereiro realizou-se a primeira eliminatória das **Olimpíadas da Filosofia**, tendo sido apurados para a final nacional os alunos **Carolina Gomes**, do 11.º 1A e **Leonor Neto** 10.º 2.
- No dia 10 de março realizou-se a primeira fase das **Olimpíadas da Língua Portuguesa** com 15 alunos do 3º ciclo e Ensino Secundário. Foram apurados para a final distrital os alunos **Sofia Amaral** (9.º B), **Francisco Alves** (11.º 1A) e **Beatriz Gaspar** (12.º 1A).

ACONTECEU no desporto

1.º Encontro de Ténis do Desporto Escolar 2016/2017

Os Alunos do Colégio Valsassina obtiveram um excelente desempenho no 1.º Encontro de Ténis do Desporto Escolar 2016/2017, que se realizou no Complexo Desportivo do Jamor. Os alunos do Colégio Valsassina estiveram em destaque com excelentes desempenhos, como consequência desses desempenhos conseguiram diversos lugares de destaque em cada prova:



Infantil A • Masculino	Infantil B • Masculino
3.º lugar – Jack Li	1.º lugar – Alexandra Pinto
4.º lugar – Chen Zechang	2.º lugar – Vasco Nobre
5.º lugar – António Silva	3.º lugar – Rodrigo Carvalho
Iniciado • Masculino	Iniciado • Feminino
1.º lugar – David Valente	1.º lugar – Maria Almeida
2.º lugar – Afonso Madeira	2.º lugar – Luísa Fernandes
4.º lugar – Francisco Marques	
5.º lugar – Afonso Santos	

Vai acontecer... **abril**

- Viagem de finalistas 9.º ano
- Ações de conservação do talhão do Valsassina no Parque Natural de Sintra-Cascais
- Semana Verde

maio

- Sessão sobre “Suporte básico de vida” para os alunos do 9.º ano
- Conferência sobre extensão da Plataforma Continental – o “novo mapa de Portugal”
- Semana da Informática
- Semana da Música
- Jantar de finalistas 12.º ano
- Missa de finalistas 12.º ano
- Apresentação final dos projetos de alunos do 12.º ano desenvolvidos na “Academia Empreender Jovem”
- Mostra Nacional de Ciência e Concurso de jovens cientistas e investigadores

junho

- Um Dia na Escola
- Concerto da Primavera
- Primeira comunhão
- Alunos em ação na sua “Primeira experiência no mundo do trabalho”

julho

- Atividades de tempos livres

Blogues do Valsassina

Acompanhe na blogosfera algumas das atividades do Colégio Valsassina

Arte na Escola

“Arte na escola” é um espaço onde se pretende divulgar e dar a conhecer as atividades realizadas nas disciplinas de vertente artísticas no Colégio Valsassina, desde o 1º Ciclo até ao Ensino Secundário: <http://www.evtvalsassina.blogspot.pt>

Educação Ambiental e Educação para o Desenvolvimento Sustentável

Atividades do projeto ecoValsassina: <http://geracaoecovalsassina.blogspot.pt/>

Ciência, ensino experimental, projetos de investigação dos alunos

<http://biovalsassina.blogspot.pt/>

Combater as alterações climáticas numa Low Carbon School

<http://co2amais.blogspot.pt/>

Cultura, literatura, escrita

<http://15menosumquarto.blogspot.pt/>

<http://os20versosdavalssa.blogspot.pt/>

Evocação do centenário da I Grande Guerra

<http://omaioirmuseudomundo.blogspot.pt/>

“A edição da Gazeta Valsassina envolve o uso de um recurso natural que vem das árvores, o consumo de energia para produzir o papel, imprimi-lo e transportá-lo, liberta gases com efeito de estufa responsáveis pelo aquecimento global. Assumindo-nos como uma Low Carbon School compensamos as emissões que não conseguimos evitar. A Gazeta Valsassina é carbonfree – livre de emissões de carbono.”





**COLÉGIO
VALSASSINA**

